

CORONEL DE CLAUDIO GOVEIA

2667526 - Gerado -

2667526

ROTEIRO DE FILMAGEM

E

VERSAO DEFINITIVA TEXTO

PARA EDICAO DA

CODECRI - PASQVIM

PRÓLOGO ①

Sequência 1

-Int. e Ext. Noite

-Loc: casa de DG em Recife (salão e quarto) / incêndio

■ Vários convidados em um rico salão de festas bem iluminado, com muitos janelões. Homens de smoking, mulheres com vestidos longos. Pessoas ricas e elegantes, a elite da sociedade pernambucana. Estão todos imóveis, os olhares dirigidos a um ponto comum. No canto da tela um pequeno letreiro: RECIFE, 31 DE DEZEMBRO DE 1899.

■ DG e sua mulher, Anunciada, também estão imóveis, olhando para o mesmo ponto. ~~Dois muito elegantes, com a maior serenidade.~~ Na mesma situação está Lionello Iona, sócio de DG.

■ O ponto de vista de todos: um grande relógio marcando quase meia noite, faltando apenas alguns segundos.

■ A expectativa cresce entre as pessoas até o momento em que os ponteiros se encontram sobre a meia noite. Neste instante acontece uma verdadeira explosão entre os convidados: gritos, ~~palmas~~, abraços, beijos, risos, taças levantadas, ~~rosto~~, ~~o jingle de champaña estourando. Sobe-se o espumaço de fogos de artifício no exterior.~~

■ DG, num gesto elegante, ~~ele é um homem perfeito de bom gosto, bonito e~~ ~~discreto e galante~~ - levanta os braços. ~~acabou~~. Faz-se silêncio, ele ergue a taça.

DG - Ao século ~~vincente~~ !

Um coro de vivas e palmas responde ao brinde de DG. Aproximação sobre um senhor que também ergue a sua taça.

SENHOR - A Delmiro Gouveia !

Verdadeira ovação, que DG contém com agradecimentos e com gestos pedindo silêncio. ~~sua intenção é responder ao último brinde e o faz gritando sobre todo o ruído.~~

DG - Ao Brasil :

Novos aplausos, confundindo-se com os primeiros acordes de uma música.

~~dancar.~~

Conversa

Vários pares ~~dançando~~. Lionello Iona, o sócio de DG, está conversando com dois homens, no meio da festa.

HOMEM 1 - Delmiro foi longe demais, agora a pressão é grande contra ele.

IONA - Estamos preparados pra qualquer novidade.

HOMEM 2 - Uma situação perigosa, Iona, muito perigosa. Se pelo menos nosso amigo se mostrasse disposto...

IONA - O certo é que Delmiro não vai recuar.

Iona sorri para os dois homens e anda entre as pessoas. Uma velha senhora o interrompe. ~~Ele beija respeitosamente a mão dessa senhora.~~

SENHORA - 1900, Lionello! Nunca pensei que ia viver até 1900.

IONA - Eu nunca duvidei disto. Feliz Ano Novo.

E continua a cruzar o salão. Passa por um grupo de moças e rapazes conversando. ~~Iona fica com este grupo, onde uma moça está falando.~~

MOÇA - ...quando ia bater meia noite aí eu pensei: é agora, o mundo vai se acabar, Meu Deus! Fiquei de olho fechado, rezando...

~~Iona se aproxima de DG e anuncia que estão sendo experimentados, comungando o rindo. DG abraça Iona afusivamente.~~

DG - Meu amigo Iona, o judeu errante. Muito obrigado por tudo, Iona. Um século novo pra novas idéias.

IONA (rindo) - Já estamos no século ~~XIX~~ e o mar não invadiu a cidade... e não me parece que vai haver terremoto.

DG (também rindo) - A vida continua...

~~Eles, aparentemente felizes e despreocupados.~~

IONA - Muitas felicidades, Delmiro, muitas mesmo, de todo o coração.

Iona puxa DG pelo braço, discretamente. Falam em voz baixa.

IONA - Os boatos tão crescendo. De hoje pra manhã deve acontecer alguma coisa...

DG - Fogo de palha. O governador e a quadrilha dele não me assustam, Iona. Todos uns covardes, agarra-

DG - ...dos às ceroulas do Rosa e Silva.

~~Em outro local do salão algumas mulheres conversam animadamente, servindo taças de ponche colorido com pedaços de frutas dentro.~~

SENHORA 1 - ...é um escândalo completo. Na minha opinião Delmiro arranjou esse caso só pra desmoralizar o governador. Só isso.

SENHORA 2 - Mas a Eulina... - é esse o nome dela, né?

SENHORA 1 - E. Eulina de tal.

SENHORA 2 - A Eulina não é FILHA do governador, gente, é filha da amásia dele, daquela mulher... No máximo pode ser considerada uma enteada...

(risos)

SENHORA 3 - Ela e a mãe são PROPRIEDADE do governador. Casa, comida - quem paga tudo? E os ~~deis~~, Delmiro e Eulina, tão dormindo junto mesmo e sem esconder nada. Não vai acabar bem isso...

~~DG e Anunciada dançam, entre outros pares. A festa roga gente, aproximação sobre DG e Anunciada.~~

ANUNCIADA - Morro de vergonha, a cidade toda já sabe.

DG - A gente não pode discutir isso aqui, Anunciada, não é o momento...

ANUNCIADA - Você quer qu'eu fique calada? Qu'eu ~~aceite~~ aceite tudo de boca fechada? Chega de humilhação. Dessa vez eu...

DG - Você tá exagerando, dando ouvidos a essa gente...

ANUNCIADA - Chega de humilhação, Delmiro, pelo amor de Deus...

10) Uma mulher corre de um dos janelões para o centro do salão, gritando, tentando se fazer ouvir. ~~com dificuldade chama a atenção das pessoas, muito afliito, ninguém ouve, ninguém entende direito, todo mundo na garra. A mulher grita, se faz ouvir de qualquer jeito.~~

MULHER - O Dérb... O Dérb... tá pegando fogo!

Aponta para a janela, dirige-se à DG, que para de dançar. ~~está dançando e~~
~~está olhando para a mulher que gritou, sem entender. A mulher fala di-~~
~~retamente para ele.~~

MULHER - O Dérbi tá pegando fogo.

DG se espanta, corre para um dos janelões. A música para, ~~tudo mundo~~ ^{Todos} entende de vez o que está acontecendo, ~~todos~~ ^{se} movimentam em direção aos janelões.

A cena vista a partir do exterior da mansão, ~~enquadrando os janelões~~
~~pelo lado de fora~~, ~~as pessoas chegam aos janelões~~. DG vem à frente de todos, seguido de Iona e Anunciada, que ~~fica~~ ^{ficou} seu lado, ~~elas param~~, ~~olhando para a frente~~.

Ponto de vista de todos : um grande incêndio ao longe, mais para o centro da cidade.

~~Iona e Anunciada em um dos janelões, em plano próximo, com outras pes-~~
~~soas atrás~~

IONA - Eles tiveram a ousadia de incendiar o Dérbi.

Bu bem lhe avisei, Delmíro...

DG - (entre dentes) - Xibungos! Xibungos de merda!
 Volta-se para o interior da casa, ~~de costas à frente~~, ficando de frente para o numeroso grupo de convidados que tenta ver o incêndio.

~~Com campo~~, DG fala ~~para~~ para os convidados, enfurecido, tendo ao fundo e ao longe o incêndio. O plano é bem aberto, enquadrando o janelão e os convidados de costas. À medida que DG fala o plano vai se fechando lentamente até enquadrá-lo em primeiro plano, contra um fundo desfocado de chamas.

DG - Prá me atacar, prá me destruir, os chacais de Rosa e Silva e desse governaduzim fi-duma-puta tacaram fogo no único mercado onde o povo podia matar a fome. Construi o Dérbi e baixei os preços porque a população não ia suportar a exploração, a roubalheira e a tirania dessa corja de assassinos que tá no poder. Isso é um crime contra a

DG - ... cidade de Recife.

DG avança para o canário, empurrando as pessoas.

DG cruza o salão atropelando as pessoas. Seu discurso deu inicio a uma confusão generalizada no grande salão, ~~pessoas correndo para o porto, de cima para baixo, pessoas pulando e voando. Tudo podia ter sido um desastre, mas o espirito de DG era de correr. Enquanto cruza o salão, DG tira a gravatinha preta, a faixa de cetim, o paletó do smoking. Iona o alcança com dificuldade.~~

IONA - A polícia tá cercando a casa.

DG - Vê o que pode salvar.

IONA - Saia depressa, vou ver o que se pode fazer.

DG - Não interrompa as exportações.

IONA - Entendido.

Iona desaparece, DG entra no seu quarto de dormir, ~~deitado~~, jogando o paletó do smoking no chão. Vai direto a um móvel, de onde tira um casaco branco, um revolver e uma cartucheira carregada. Veste tudo rapidamente, apanha um chapéu de feltro. Enquanto se veste surge Anunciada.

~~ela entra no quarto, o cérebro desorientado, assustada. Tá ralo, o reganho, juntinho da porta.~~

ANUNCIADA - Se você for procurar aquela mulher, saia de vez desta casa, vou viver com meus pais.

DG - Melhor assim. Acabou-se, Anunciada. Prá mim acabou tudo : Recife, o Dérbi, o século dezenove, você, ~~que~~, tudo - entendeu?

ANUNCIADA - Nunca esperei...

DG - Adeus.

DG ~~com chapéu na cabeça~~ sai rápido sem olhar para Anunciada, que fica imóvel, petrificada. Os ruidos de fora crescem de intensidade.

SEQUENCIA 2

-Ext. Noite)

-Loc: fundos da casa de DG/pátio em frente à casa de DG/incêndio

DG desce rápido uma escada, nos fundos da mansão. Três homens montados estão esperando, ~~debaixo da escada~~, um deles segurando pelas rédeas um quarto cavalo. DG monta, olha para o clarão do incêndio ao longe, esporeia o cavalo e todos saem em disparada, desaparecendo na noite.

Na frente da mansão os convidados tentam se retirar: muitos correm em direção ao incêndio, a maioria entre nos carros estacionados, ligam os motores, acendem as lanternas, marcham para sair do pátio ~~e em confusão~~ de ruídos e faróis acesos. Iona ~~está na confusão~~ grita uma ordem a alguém.

TONA - Fechem as portas da casa.

Um automóvel com uma sirene no teto vibrando a todo volume entra no pátio. ^{Surgem} Saltam policiais à paisana e um militar fardado, armados. ~~Corre, turbulência~~ Iona é cercado pelos policiais, quando ~~está faltando~~ as chamas do Pôr do Sol, onde vez mais volumosas.

O fogo toma todo o campo visual. ~~é só ouvir os gritos de alarme~~ nado o som de berinzes, sinos, gritos, sinos de bombeiros, isto é, toda a ambientação sonora, toda a atmosfera de um grande incêndio.

1º capítulo

Depoimento de Carmela EULINA do Amaral Gusmão

1900 a 1904

SEQUENCIA 3

-INT. Noite

-Loc: residencia de Eulina

~~Eulina, uma jovem muito branca e bonita, abraçada com sua mãe, uma senhora também bonita, bem maquiada, e resto sensual. Eulina é soluça~~, enxuga ~~e resto molhado~~, ^{soluça}. Parece não querer desprender-se da mãe. Esta afasta carinhosamente a filha de seu corpo, muito emocionada mas controlando-se.

MÃE DE EULINA - Vai, minha filha. O Coronel Delmiro vai ser um homem bom pra você.

A cena ocorre no interior da residencia de Eulina, uma casa luxuosa, embora mais modesta do que a imponente mansão de DG. DG está de pé, perto das duas mulheres.

DG - Vamos embora, Eulina.

A mãe acaricia

~~Eulina soluça, sente dificuldade em se desprender da mãe, que acaricia~~
^{da filha}
~~o rosto~~ e, com resolução, empurra-a ~~para~~ para DG.

MÃE DE EULINA - Não chora não.

EULINA - A bênção, mãe.

MÃE DE EULINA - Deus lhe abençoe. (para DG) - Toma conta de la, Coronel, pelo amor de Deus... é u'a menina...

DG - Não se preocupe, minha senhora.

SEQUENCIA 4

-Ext. Noite

-Loc: Fuga na noite - Ruas de Recife -

- 1) DG, Bulina e os três capangas armados cavalgaram na noite, do frente para o círculo. Tonada longa, a voz de Bulina entrando no OFF (Narração OFF). A execução sobre o som de Bulina, lenta, e partir do somato em que tem dureza a voz só, só enquadramento em close.

BULINA (narração OFF)- Naquela noite de fogo eu só pensava numa coisa: Delmira Gouveia é meu. Foi uma noite que ninguém dormiu, parecia que o Recife todo tava pegando fogo.

OBS - Narração OFF prolongou-se interrupção na seq. seguinte

SEQUENCIA 5 (FLASH - BACK)

-Ext. Dia

-Locruas de Recife/em frente ao Dérbi

DG à frente de um grande desfile que se desenvolveu pelas ruas de Recife a Passeata da Farinha. [] de pé sobre um carro aberto, Iona ao lado, um pouco atrás, os pés de DG estão num saco de farinha, aberto, de onde vêm por cima de quando um punhal o fanga sobre as pessoas, à guisa de confete. Muita gente, muitos carros em fila, [] carregados de alimentos. Faixas cruzam as ruas: "Abaixo a Carestia"/"Dérbi, um mercado para o Povo"/"Hoje-Passeata da Farinha".

BULINA (Narração OFF) - Eu não esperava, eu não fazia a mínima idéia de que as coisas fossem acontecer assim, a vida é assim, as coisas vão acontecendo, acontecendo, sem você saber direito. Furtinha 17 anos aquela época... Com essa ideia, nesse tempo, a moça já devia tá casada, criando [] Naquela noite de fogo eu só pensava numa coisa: Delírio Jovem, o amigo de meu pai, agora é meu.

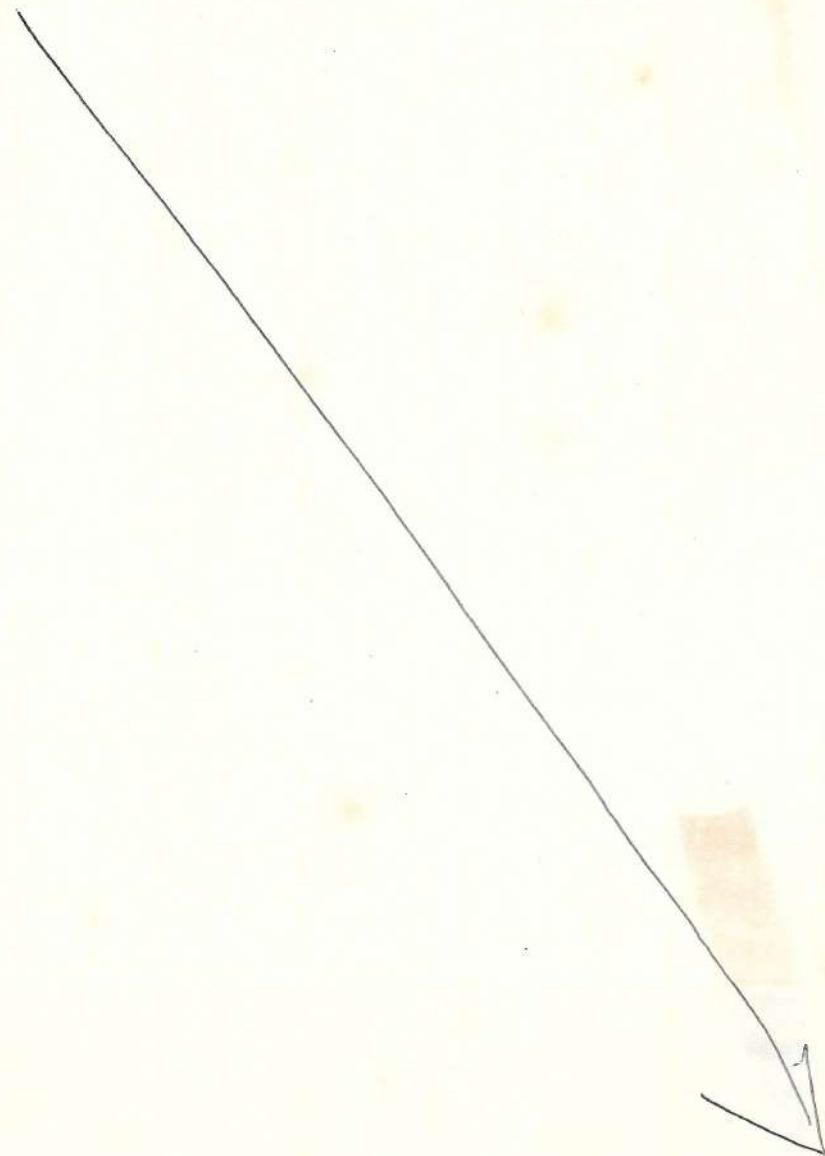
Bulina na passeata com algumas amigas, andando no meio da multidão que dá "vivas" a DG. Ela está bem próxima do carro de DG.

BULINA (Narração OFF) - Se casava com 14, 15 anos, até com 13. E eu já moçona, mulher com o corpo formado, e nada. Mas eu era eu, um caso diferente. Minha mãe teve dez, vinte homens na vida dela. Era u' a mulher fine, educada, muito respeitosa, mas teve seu destino, como eu tive o meu. Eu est

DG e Iona na ponte de desembarque de um grande navio, no porto de Recife. Estão a ponto de desembarcar, esperando que os outros passageiros desçam a ponte. DG está chegando, Iona subiu a bordo para recebê-lo, conversam. (o diálogo dos dois interrompe por alguns instantes a narração OFF de Bulina, logo em seguida retomada).

DG - Vamos comprar tudo, todo o estoque disponível, à vista. Comprando a grosso e à vista, os custos po-

DG descobre Eulina na multidão. Os olhares se encontram, Eulina sorri, DG responde.



DG -...dem baixar até 50 por cento...

IONA- Quase isso...

DG (com um gesto, abaixando a mão)-E a gente joga os preços do varejo lá em baixo.

IONA- Vai exigir um capital grande.

DG - Tou trazendo esse capital.

~~Nos dois sócios atingem o cais. DG é recebido por uma comitiva, e por repórteres e fotógrafos, que o cercam imediatamente. DG para um pouco e logo em seguida começa a andar, seguido pelo grupo, conversando e rindo, atendendo às perguntas dos repórteres.~~

~~BULINA (Narração OFF) - Nunca me faltou nada, nada mesmo. Os amigos de minha mãe eram gente endinheirada, fazendeiro, político, senador. Meu pai, esse nunca tive, nunca soube quem era, nunca soube mesmo assim de não ter dúvida. Na rua me olhavam - todo mundo sabia - me olhavam e me chamavam "a filha do governador".~~

50

- 4) DG desfilando sobre a multidão na Passeata da Farinha : é visto através da ótica de Bulina - poderoso, endinheirado, bonito. A passeata, Bulina no meio.

~~BULINA (Narração OFF) - Isso porque o governador de Pernambuco... Era ele quem tomava conta de minha mãe nessa época, minha mãe era a amante dele, todo mundo sabia. (ri) Teúda e manteúda, como diziam naquele tempo. Aliás, sempre disseram mesmo que eu era filha dele, que ele e minha mãe já se conheciam de muito tempo antes, filha de sangue mesmo. Mas não sei, não sei nem... isso é uma dúvida na minha vida. Pois é... (pausa) Naquela época, eu já mulher feita, já precisando mesmo, já na idade de...~~

- 5) Bulina em plano próximo, no meio da passeata, já bem perto do carro de DG, olhando na direção dele. DG descobre Bulina na multidão, os olhares se encontram, Bulina sorri e DG responde lancando em sua direção um pouco de farinha. Uma discreta transação (paquera) entre os dois.

(11)

EULINA (narração OFF) - O Recife só falava nele, os jornais. Uma
briga que ele teve com o Vice Presidente da República, o Dr.
Rosa e Silva, no Rio de Janeiro. Coisas de política... Diziam
que ele havia surrado o Dr. Rosa e Silva com uma bengala, e
por isso estava jurado de morte. E ele ali, no meio do povo, pa-
recia não saber de nada, não ter medo de ninguém, mais podero-
so que o Vice Presidente e o Governador, meu pai.

Eulina é arrastada pela multidão para longe do carro de DG. A passeata chega ao
Mercado do Derbi. Carroças de farinha enfileiradas. O ~~Mercado~~ Mercado e a re-
gião circundante enfeitados com bandeirolas. DG desata ~~grossa fita~~ o laço de
grossa fita verde-amarela, inaugura ~~Derbi~~ o ~~Derbi~~ Derbi.

DG - Povo do Recife! Se os homens que mandam e desmandam em
Pernambuco não conseguem baixar

EULINA(Narração OFF)-Tu ia ter de aceitar um homem um dia, como toda mulher, então o melhor era não perder u'a oportunidade como aquela. E ele queria, queria porque queria mesmo, tava disposto a ~~me~~ pagar qual quer preço por mim, prá me ter... qualquer preço. E olha que ele era o pior inimigo do governador. Nas era bonito..."

SC.

- 6) DG, terno branco, andando pela Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, indo em uma direção determinada, rosto tenso. O vice-presidente da República, o dr. Rosa e Silva, vem vindo em ~~uma direção~~ sentido contrário, acompanhado de quatro ou cinco homens. DG interrompe seus passos, discutem, discutem mais violentamente, DG bate no rosto de Rosa e Silva. Confusão, corre-corre, o vice-presidente é levado para o interior de uma loja.

EULINA (Narração OFF)- ~~Tudo em~~. O Recife só falava nele, os jornais. U'a briga que ele teve com o vice-presidente da República, o doutor Rosa e Silva, no Rio de Janeiro. Muito fale isso na época, diziam que iam matar Delmíro. Coisas de política, eu ouvia falar mui-

to. Mas queria porque queria e eu pensando: Diziam que ele havia amado dr. Rosa e Silva, o

DP. uma bengala. Era ali, no meio do povo, mas podem dizer que o vice-presidente

é o governador, meu pai.

- 7) ~~Eulina~~ desata o laço de uma grossa fita verde-e-amarela, inaugurando o ~~Eulina é amarrada para multidão para longe do carro.~~ Mercado do Derby. Uma multidão compacta em frente ao mercado, qs ~~caminhões de farinha~~ com alimentos enfileirados. O mercado e a região circundante enfeitados de bandeirolas. ~~Eulina na multidão.~~

EULINA (Narração OFF)- se ele quer mesmo ele vai conseguir, vai dobrar minha mãe, vai enfrentar o governador. Tu pensava na minha vida, no meu futuro. Delmíro era um futuro e me queria prá ele. Dito e feito.

DG é enquadrado no momento em que desata a fita e uma ovacão interrompe a narração OFF de Eulina. DG volta-se para a multidão. Fala.

DG - Povo de Recife. Se os homens que mandam e desmandam em Pernambuco não conseguem bai-

~~o~~ o preço exorbitante dos alimentos, vamos fazer isso por nós mesmos. Aqui no Dérbi tudo vai ser vendido pela metade do preço. Esse mercado é de vocês.

~~A~~ aplausos. Alguns homens levantam DG nos braços levando-o, junto com a multidão, para o interior do mercado. Novamente os olhares de DG e Eulina se encontram, ela tentando ficar perto dele, sendo empurrada, empurrando. ~~é só isso que eu quero dizer~~

EULINA (Narração OF) - Não sei como, nos poucos dias depois desta inauguração, no quarto mesmo de minha no... Ele tinha tudo que queria, (...)

SEQUENCIA 6

- Ext. Noite

- Loc: ~~fazenda~~ estrada rural.

~~Eulina, DG e dois capangas~~ juntamente com

~~Eulina, DG e dois capangas a galope.~~

EULINA (Narração OFF) - ~~Ele me quis e a-~~
~~cabou-se. Agora era ele que ia tomar conta~~
~~de mim, o responsável por mim. O que u'a mu-~~
~~lher como eu podia querer mais?~~

O terceiro capanga, surgindo da noite, alcança o grupo.

~~que logo para seu cavalo. Todos param.~~

CAPANGA - Tem gente armada seguindo nosso ras-
tro. Uns quatro ou cinco cabras.

DG olha na direção apontada pelo capanga, escuta os ruídos da noite,
olha em torno : estão em uma área pedregosa, com rochedos aflorando ~~do~~
solo.

DG - Vocês ficam aqui, dando cobertura. É um bom
lugar pra emboscada. Eu vou em frente.

Os capangas saltam dos cavalos, enxota-os para longe, tomam posição a-
trás dos rochedos. DG e Eulina retomam o galope, sozinhos.

~~DG e Eulina cavalgando.~~

EULINA (Narração OFF) - Aconteceu essa coisa, is-
so é verdade, isso de eu ter gostado mesmo
dele, do fundo do coração.

SEQUENCIA 7 (FLASH BACK)

Ext. DiaLoc: Jardim da casa de Eulina

- Eulina lê uma carta de DG.

DG (off) - Meu coração! Tenho de ontem para hoje recebido suas duas cartinhas que me enchem de satisfação; por esta respondo a ambas. Eu tenho passado bem de saúde porem muito preocupado em pensar que estás exposta a um tão grande perigo. Penso muito na viagem que faremos a Paris, quando viveremos longe de tudo e de todos. A prova que não esqueço-me de ti um só momento é que todas as vezes que posso passo por aí a fim de, ao menos de longe, poder ver-te, pois embora traga no coração a tua imagem, para o consolar preciso, embora de longe, divisar-te. Estas palavras amorosas estão muito longe do que sinto e do que quero dizer-te. Porem, como tu mesma pensas, eu tenho receio de expandir todos os meus sentimentos, pois minhas cartas podem cair em mão de outros e de futuro me trazerem desgostos.

Esta tu terás que me a devolver na primeira oportunidade. Espera-me hoje às seis e meia e pensa em mim como eu a ti. Beija aqui aonde eu ponho meu nome que eu tenho feito o mesmo. Teu, Delmiro.

SEQUENCIA 8 (FLASH-BACK)-Int. Noite-Loc: ~~quarto~~ quarto de Eulina.

~~DG e Eulina amam-se sobre lençóis de seda e almofadas de cetim, com paixão, elegância, vorazes, fuligem de prazer, um orgasmo convulso e doloroso e exultante, como se fosse o primeiro (ou talvez o primeiro), o rosto banhado de lágrimas. DG a possui com vigor, uma vez que este é o seu conceito de amor. E Eulina, ao se deixar possuir, é tomada por reações contraditórias de espanto e prazer, dor e sublimação. Uma aura de tranquilidade, de serenidade, os envolve pouco a pouco, acalma seus corações e seus sentidos. Carícias suaves, afagos. Eulina continua a chorar, agora deixando entrever pedaços de sorriso entre as lágrimas, o corpo suado e trémulo. Assim, docemente, ela olha para DG, os olhares se cruzam, uma eternidade neste olhar. Eulina beija DG com ternura, entre suor e lágrimas.~~

~~Esta atmosfera começa a ser violentada a partir do som: ruido de tiros, a principio poucos perceptíveis, aumenta de intensidade.~~

SEQUÊNCIA 9

-Ext. Noite (madrugada)

-Loc: ~~area de rochedos~~ estrada rural - rochedos.

O ruido dos tiros distantes fazem com que DG e Eulina, galopando na noite, olhem para trás. ~~olhos de suas montarias~~. Mas não param. DG bate com força no cavalo de Eulina, com seu chicote, esporcida seu próprio ~~animal~~, acelera a marcha.

EULINA (Narração OFF) - Aconteceu essa coisa, sim.

Uma afeição, um amor aparecido de repente.

Amor! É tão estranho que eu esteja pensando nisso agora, em amor.

Na área cheia de rochedos os capangas enfrentam os perseguidores. Uma cena confusa no lusco-fusco da madrugada, os clarões de tiros aparecendo em toda parte. Os capangas de DG oferecem ~~luta~~ resistência mas os perseguidores ~~fazem funcionar metralhadoras e os capangas são eliminados,~~ sol neceende, a cena muito violenta, terminando com a metralhadora cuspido fogo.

EULINA (Narração OFF) - ~~que talvez te ha sido... Talvez~~

~~vez tenham sido aqueles dias os únicos dias de amor de toda a minha vida...~~

~~Impossível, que sonhos se pode...~~

Quando ele me tomou, me fez mulher, ele ficou sendo tudo pra mim: o pai qu'eu nunca tive, meu sonho, meu irmão, meu homem, meu protetor.

SEQUENCIA 10)

-Ext. Dia
-Loc: alto sertão.

Partindo do rosto de DG, amplamente iluminado pelo sol, abrir um Plano Geral mostrando o casal cavalegando pelo sertão. DG ainda conserva, sob a cartucheira, o casaco de brim e o chapelão de abas largas, a camisa de rendas, a calça e os sapatos lustrosos do smoking. Está com a barba por fazer, muito suado. Bulina também está suada, empoeirada. O casal penetra vagarosamente no sertão, um outro mundo.

BULINA (Narração OFF) - E veio aquela noite do incendio, a fuga pro sertão, pro interior das Alagoas. Pensava que era só por uns tempos, uns meses, e aí a gente ia voltar pro Recife, ou pra outra cidade grande qualquer. Eu pensava muito no Rio de Janeiro.

2) Documentação : o sertão visto por DG e Bulina. A terra, os bichos, a vegetação, a seca. Ausência do homem - uma visão apenas da terra.

SEQUÊNCIA

11)

- Ext. Dia

C - Loc: varanda da casa do Cel. Ulisses Luna.

○ Cel. Ulisses Luna e família recebem DG e
Eulina.

Cel. Ulisses - Enquanto eu fui vivo
os macacos da polícia de Pernam-
buco não vem burlar com o Senhor
não. Fique descansado que aqui
está protegido, eu lhe agaranto,
prometi: os amigos pediram.
O senhor se acostuma aqui com
a gente. A casa é grande e
tem lugar. Deixa passar
essa tempestade, de tempo os
tempo e depois pode voltar
pra donde veio e refazer a vida.
Política muda muito, seu Delmíro.

SEQUÊNCIA 12Int. DiaLoc: quarto, casa do Cel. Ulisses.

Eulina, frágil e delicada senhorita da cidade, é auxiliada pelas mulheres da casa. Tira a roupa ~~■■■■■~~ e banha-se em grande bacia colocada no centro do quarto. Sobre a cama, as roupas que despiu e as que ~~■■■■■~~ lhe estão sendo emprestadas, rústicas e fora da moda.

~~■■■■■~~
Eulina (narração OFF) - E assim a gente ~~■■■■■~~ chegou, Delmíro comprou casa e terras. E os dias foram passando todos iguais, um atrás do outro, e com eles as promessas e os sonhos.

SEQUENCIA 12 (FLASH-BACK)

-Ext.Dia / Int.Dia

-Loc: matadouro de bodes/escritório/estradas do sertão/esticagem de couro

- 1) Um matadouro de bodes: os animais são amarrados, imobilizados e sangrados. Os homens manejam com habilidade grandes facas afiadas e desprendem o couro da carcaça sangrenta.

EULINA (Narração OFF)- (...) nesse tempo lá no sertão. Eu não nasci pra viver ali, separada do mundo, longe de tudo, limpando cocô de menino, trocando fralda, u' a vida de cão. Não sei como não adoeci, não morri.

- 2) Um escritório em pleno funcionamento: várias pessoas trabalhando, datilografas, um gráfico enorme na parede com números e anotações. Correção e enquadramento de DG (está de pé, terno branco, cigarrilha acesa, examinando papéis) e Iona (sentado em sua escrivaninha, muito ocupado). DG olha displicentemente os papéis, deixa-os sobre a mesa de Iona. Aproximação sobre os papéis: o de cima é uma carta em inglês, com um vistoso timbre: uma firma norte-americana e o endereço - Nova York.

EULINA (Narração OFF)- Nesses três anos eu tava sempre grávida ou então cuidando de menino novo... Foi um parto por ano, um inferno. Eu não tinha mais graça pra nada, ali... pra nada. Eu não tinha nem com quem conversar, é como se estivesse sozinha ali. Delmiro mandou chamar a irmã dele...

- 3) Eulina e um rapaz, Osvaldo, sob uma árvore, no campo. Estão conversando animadamente, ela está rindo do que ele diz. Osvaldo é um jovem mais ou menos da idade de Eulina, meio almoafadinha nas suas roupas elegantes e caras. Algo chama a atenção de ambos: uma grande manada de bodes vai passando, sendo tocada por dois homens e alguns meninos. Muitos bodes, muita poeira.

EULINA (Narração OFF)-... pra vir tomar conta da casa, cuidar das crianças - ele dizia que eu não

(20)

SEQUENCIA 13

- Int. Dia

- Loc: casa de DG no sertão.

1) Eulina sentada em cadeira-de-e~~s~~preguiçar, cabelos amarrados com displicênci~~a~~, desleixada no vestir - é uma outra Eulina. Toca-dis-
cos espalha som de cançoneta ~~e~~ parisiense. Duas crianças brincam
no chão, sobre um tapete. Um bebê chora em um berço. Eulina absorta
em devaneio.

EULINA (Narração OFF) - Anos depois eu
ainda estava lá, com meus filhos ...
E eu não era mais a mesma, nem o
Delmire.

EULINA - ... cuidava direito de meus filhos, que eu era u'a desmazelada, qu'eu tinha mudado. Ele é que tinha mudado. Veio tambem um sobrinho dele, um rapaz, o Osvaldo. Com ele, com Osvaldo, eu ainda conversava, ele foi a única pessoa que compreendeu minha situação. Delmiro não pensava em voltar pro Recife.

- 4) 5) 6) Vários carregamentos de couros de bode se deslocando em direção à fazenda de DG. Os couros vêm em lombos de burros, em carros de bois, em caminhões.

EULINA (Narração OFF) - A vida dele era aquilo ali, só ligando em comprar terra, cuidar do negócio dele. Era negócio com couro de bode. Mandou chamar o sócio, o Iona. O comércio deles é que tinha importância, não eu. O Rei do Couro, chamavam ele. Ele vendia couro de bode pro estrangeiro. Mas de que adiantava esse dinheiro todo naquela...naquele deserto onde ninguem podia viver decentemente?

- 7) Primeiro plano de Iona, falando para alguém.

IONA - Com esse adiantamento o senhor pode garantir pra gente toda a produção de couro do Quixadá. Todo courinho do Nordeste tem de vir bater aqui. Pra isso é que eu lhe adianto o dinheiro. O que ninguem faz.

- 8) Plano de conjunto : Iona está falando com um sertanejo, está passando um maço de nota para ele.

SERTANEJO - Tudo que puder comprar?

IONA - Tudo. Aqui a gente faz a seleção.

- 9) Em um grande terreiro, ao ar livre, os couros são esticados, beneficiados. Esticadores e secadores de madeira espalhados pelo espaço, couros esticados ao sol, montes de couros no chão, ainda com listras de sangue ou molhados. DG, com roupa de mescla, botas e chapéu, está andando nesse

ta área, acompanhado por um homem com uma pasta de anotações na mão.

DG pára, examina um couro e prossegue, conversando com o homem.

EULINA (Narração OFF) - A gente, eu é Delmire...

Acho que ele ainda me queria, assim do jeito dele. Queria me submeter, me botar em baixo da vontade de ferro dele, me virar ao avesso, me transformar numa mulher da roça. U'a decepção de tudo. Delmire não era o mesmo homem qu'eu conheci no Recife, aquele homem a quem...

(21)

SEQUENCIA 14

- Ext. Dia
- Loc: curtume.

No terreiro ao ar livre couros de bode são esticados, salgados, beneficiados, arrumados. Técnica artesanal de tratamento dos couros. DG fiscaliza qualidade do produto.

SEQUENCIA 15

- Int. Dia
- Loc: escritório de DG.

Mesas, arquivos, pastas, papéis. Três ou quatro auxiliares. Iona faz acordo com Sertanejo.

IONA - Com esse adiantamento o Senhor pode garantir pra nós toda a produção de couro do Quixadá.

Pra isso é que eu lhe adianto o dinheiro. O que ninguém faz.

SERTANEJO - Quer dizer que pode trazer tudo que encontrar?

IONA - Tudo. Aqui a gente faz a seleção.

SERTANEJO - Pois não, seu Iona.

Aproxima-se DG enquanto Sertanejo se retira.

IONA - Já telegrafei pra Nova York avisando que temos 10 mil couros em estoque. Assim que eles confirmarem o preço, podemos realizar o embarque.

SEQUENCIA 16

- Int. Dia

- Loc: sala casa de DG (a mesma da seq. 13)

~~início de~~ Toca-discos espalha no ar a mesma canção francesa. Eulina, bem penteada e vestida, guarda a mesma posição da sequência citada. Também se encontram na sala uma senhora, irmã de DG, e seu filho Osvaldo, jovem citadino, mais ou menos da idade de Eulina. A irmã de DG ocupa-se das crianças.

DG entra sorridente, traz enorme caixa. Abre-a e retira dela vários vestidos luxuosos.

DG - Os últimos lançamento da moda europeia. Paris!

EULINA - Para irmos hoje à noite ao teatro e depois ao saraú do Gomernador!

DG - Não seja boba, Eulina. Não comece tudo de novo...

EULINA - Você compra tudo o que quer, não é Delmido? Quer me comprar de novo com isto, mas não compra não.

DG - Você é igual a sua mãe...

DG empurra com violência a caixa e retira-se.

EULINA - Você me comprou de minha mãe e depois me enganou e me trouxe pra cá...

SEQUÊNCIA 17-Ext. Dia-Loc: varanda e área ~~de frente à casa de DG~~

1) Exterior da casa de DG. Prossseguimento da cena anterior: Iulina surge na porta, ainda gritando.

IULINA... você tá cheirando a bode, você fede.
Cê tá me matando, Delmíro Gouveia, me matando.

Mas DG já está distante, andando em direção à estação de trem que fica em frente à casa, a uns cem metros de distância.

DG cruza com um grupo de trabalhadores que o saudam: "boa tarde, coronel", "boa tarde, coronel". DG não responde, nem ouve.

SEQUÊNCIA 18 - EXT. Dia - Loc: Estação da PEDRA

Já subindo os degraus da estação, DG ouve o ruído de um trem. O Chefe da Estação vem a seu encontro.

CHEFE - Recebi o telegrama agorinha mesmo, avisando desse trem.

DG - Vem de onde?

CHEFE - Recife. É trem especial.

DG - Quem vem nele?

CHEFE - Sei não. O telegrama não diz.

1) Da veranda da casa Iulina vê o trem se aproximando, DG em pé na plataforma. A irmã de DG passa perto dele, um monte de roupa suja nos braços, resmungando uma indireta.

IRMÃ DE DG - Desmazele! A roupa suja jogada em cima da cama...

O trem se aproxima. Antes de parar totalmente vários soldados saltam para a plataforma da estação, ocupando alguns pontos. Um tenente salta e vai direto a DG. O Chefe da Estação se dirigiu à locomotiva.

TENENTE - O senhor é o coronel Delmíro Gouveia?

DG - Eu mesmo.

TENENTE - Prazer. Tenente Izidoro, comandando u^a volante especial de captura. Tenho ordens de deter o senhor e encaminhar preso pra Pernambuco.

DG - Qual a acusação?

TENENTE - ~~falecia pauwenta,~~
 Sedução e repto de menor. ~~l~~ Atentado ao poder. O senhor é acusado de raptar a filha do Governador, Dona Julina.

DG (rindo) - O governador não fica muito tempo mais no poder... ~~Pega-lhe que me~~

~~Tenente~~ - Ainda tá mandando? Entregue ~~as~~ as armas.

DG - Não ando armado.

DG nota movimentos rápidos dos soldados, fuzis estalando ao serem engatilhados. Procura a razão destes movimentos e vê alguns trabalhadores (os que cruzaram com ele há pouco) vindo para a estação, correndo. Pelo outro lado avança um cabra armado de rifle, seguido por um preto forte e atarracado. DG toma a frente dos soldados, levanta os braços, grita.

DG - Parem. Nem mais um passo, pára aí todo mundo, tou mandando. Ninguem faz nada.

~~U~~ Os homens param, indecisos, sem saber o que fazer. O camponês que está com o rifle fica com a arma em posição de atirar.

~~Provoloco os meus direitos.~~

DG - Baixa essa arma.

~~U~~ O camponês obedece. ~~preio almoço de ferro grito de contenção para~~

~~camponês.~~

~~U~~ DG e Tenente. Ao fundo, os soldados tensos, em posição de tiro.

DG - O senhor não gostaria de negociar a situação?

TENENTE - ~~ele no trem, depressa. Infelizmente não posso~~
 Correr. Cumpris ordens.

DG entra no trem, acompanhado pelo tenente, dois soldados apontando as armas para ele. Os outros soldados recuam de costas, os fuzis apontados para os trabalhadores parados.

~~(6) Da varanda Dulina vê tudo, imóvel. Osvaldo, o sobrinho de D. I., aparece na varanda, fica olhando, não sabe o que está acontecendo.~~

~~7) O trem em movimento. Um soldado aparece em uma das janelas, metade do corpo para fora. ~~Ele aponta sua arma, faz pontaria, dispara.~~~~

~~8) O camponês armado é atingido pelo tiro, vacila, cai. É socorrido pelo negro forte e atarracado que está com ele.~~

~~9) O trem aumenta a velocidade, abandona a estação.~~

~~10) Aproximação sobre Dulina, na varanda, até o close (ela encerra sua Narração OFF)~~

DULINA (Narração OFF) - Nequela momento acreditei que, de uma forma ou de outra, agora a gente tinha de voltar pro Recife. No fundo eu tava muito contente com a prisão de Delmíro.



2º capítulo

Depoimento do coronel ULISSES Luna

1905 a 1910

SEQUENCIA 19

-Ext. Dia

-Loc: campo aberto.

- 1) A frente de um exército de jagunços cavalga o Cel. Ulisses ~~luna~~ cruzando a caatinga poeirenta. Sobre seu rosto envelhecido e cabelos brancos tem inicio sua Narração. Enquanto Ulisses narra o som da cavalaria vai assumindo um ritmo uniforme, efeito de eco e distanciamento. ~~Efeito prolonga-se sobre o trânsito das vozes seguintes.~~

ULISSES (Narração OFF)- Verdade que quando Delmíro chegou na minha casa pensei: é só um jabuti da cidade, isso num guanta três mês de sertão, fica só uns tempo por cá, enquanto a perseguição esfria. Mas qualé o vivente que sabe alguma coisa de nada?

~~Acabado de belo, um lebreiro. SERTÃO DE ALDOS 1995.~~

SEQUENCIA 20 (FLASH-BACK) - int. Dia - Loc: Varanda da casa do Cel Ulisses
Luna (a. mesma da seq. 11)

DG ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ e Eulina acabam de chegar à casa do Cel.Ulisses e são recebidos por este e sua familia. Retoma-se o diálogo da sequencia citada.

Cel. ULISSES - Política é como o vento. Muda muito,
 seu Delmíro.

DG - Política não interessa mais, Coronel. Na
realidade, pensando bem, nunca me interessei
sou mesmo. Apenas me deixei envolver por
ela, pelos amigos. E vim foi pra ficar,
montar negócio, comprar umas terras, me
estabelecer. Não pretendo voltar para o
Recife, nem quando meus inimigos forem venci-
cidos.

SEQUENCIA ~~21~~ (FLASH-BACK)

- Ext. Dia

- Loc: ~~campo aberto~~ campo aberto.

O Cel. Ulisses cavalga à frente de seus jagunços.

1) DG e Ulisses sentados na cerca de um curral. Os vaqueiros estão fazendo a divisão da boiada, para venda ou corte. Ulisses, que conversa com DG, interfere vez por outra no trabalho, aportando um boi, berroando uma ordem. Um vaqueiro se aproxima e diz alguma coisa a Ulisses que desce da cerca e, acompanhado por DG, passa para uma dependência separada do curral, onde o vaqueiro mostra um boi.

ULISSES (Narração OFF) - Pois foi que Delmiro ficou, o Coronel Delmiro. Tinha destino de ir mudando como u'a força, não era o qu'eu tinha pensado. O que se passou depois não tem vivente bom de língua pra contar de jeito que se entenda. Só vendo. Digo u'a coisa, isso faço questão: o coronel Delmiro nasceu adiantado no tempo, o que ele fez ninguém nunca tinha feito nem pensado fazer.

No mais o homem se mede é no momento do minuto, quando a morte tá ali ao alcance da mão e a cabra não dá o passo pra trás.

2) O boi está ferido na perna, arriado, sem forças. Ulisses examina o animal devagar e, com naturalidade, sem interromper o papo com DG, saca um

SEQUENCIA ~~22~~ (FLASH-BACK)

- Ext. Dia

- Loc: feira de Água-Branca.

O Cel. Zé Rodrigues e dois capangas andam na feira de Água-Branca.

Cel. ULLISSES (Narração OFF) - O Zé Rodrigues nunca que teve questão comigo. A gente até se dava, mas também nunca que quis confiança nem aproximação. Condeeno quem mata sem razão justa ou por puro divertimento de maldades.

ULISSES - ... dedão sempre com cocais de dô no go-
tilho, com mais de cem cabra armado, nô que Zé
Rodrigues, ele mesmo, fôra as tocaia contratada,
fôra as liurasia da jagunçada...

Zé Rodrigues e seus capangas, todos armados, aproximam-se do local onde estão DG, Ulisses e Iona. Ulisses (Narração OFF) - ele em si, mandou mais de trinta dessas pra melhor.

Zé Rodrigues aproxima-se de DG, seus capangas ficam a alguns metros de distância. Iona se perturba, fica apavorado. Ulisses observa a situação, vê um capanga se afastar e ficar pronto para qualquer eventualidade a dez metros de distância. Ulisses desabotoa o paletó, deixa aparecer o cabo de seu revólver. DG só nota a presença de Zé Rodrigues quando este já está parado a seu lado.

ZÉ RODRIGUES - Mandei fazer um pedido, o senhor não me atendeu. Seus homens continuam a invadir minhas terras, cercando o que me pertence.

DG (interrompendo, um candeeiro na mão) - O senhor devia estar informado, e se não está fique agora, que eu comprei aquelas terras. Estão pagas, com escritura passada em cartório, medidas. E vão ser cercadas.

ZÉ RODRIGUES - O senhor tá me afrontando, me desafiando.

DG continua calmo, expondo seus argumentos, sem dar importância às reações de Zé Rodrigues.

DG - Depois de cercadas vou mandar roçar, limpar e plantar algodão seridó, muito algodão seridó, e umas roças de mandioca pros moradores.

ZÉ RODRIGUES - O senhor não... Que atrevimento!

DG (imperturbável) - Isso tá decidido. Começo o plantio agora, com as primeiras chuvas. Prá evitar novos incômodos pro senhor, ter de vir aqui, vou man-

DG... dar uns homens armados pra vigiar a feitura da cerca. Qualquer dúvida o senhor se entende diretamente com eles. Eles vão saber responder ao senhor. Com licença.

DG deposita o candeeiro sobre a mesa da barraca e dirige-se a Tona e Ulisses. Zé Rodrigues, ~~seu~~, ~~licença~~, o rosto vermelho, a mão no revólver, ~~que~~ ~~ele~~ ~~injetado~~, ~~que~~ ~~acabou~~ ~~de~~ ~~sai~~ em direção contrária à de DG, ~~e~~ ~~espinga~~. O docente, o novo, fica parado olhando. ~~Compreendo~~ ~~até~~ ~~agradar~~ o Col. Ulisses, que está encendendo um cigarro de palha.
~~Ulisses~~ ~~me~~ ~~deixa~~ ~~sozinho~~.

ULISSES (Narração OFF) - Nem acreditei que Zé Rodrigues tava mudado ou teve receio de Delmiro. Acho que foi aquele dia que Delmiro tomou assento no sertão, se sentiu.

SEQUENCIA

23

-Ext. Dia

-Loc: campo aberto

~~Col. Ulisses à frente de seu exército de jagunços, cavalgando velozmente, o exército prossegue ininterrupta sua Marcha OFF.~~

ULISSES (Narração OFF) - Logo que chegou o negócio dele era courinho de bode. Isso ele nunca deixou, era a base do capital dele, nunca vi um comerciante tão capaz, outra razão porque ele ganhou minha confiança.

Sem diminuir a marcha da cavalgada Ulisses faz um gesto de comando, apontando firmemente para a direita e para a esquerda, gritando.

ULISSES - Bandeia! Bandeia! que tanto perto.

Um cabra que cavalga a seu lado esporeia com força o cavalo, toma a frente, berrando e girando um lenço branco na mão.

CABRA - Bandeia! Bandeia! Bandeia!

~~Plano geral : a tropa divide-se em três. A coluna do meio vem em frente. Outra coluna sai para a direita, a terceira para a esquerda, sem deter o ritmo da cavalgada, com muita poeira levantando.~~

ULISSES (Narração OFF) - Mas logo um mês, dois depois danou-se a comprar terra. Montava e olhava aqui, olhava ali - esse pedaço, de quem é? Resolvi ajudar.

Col. Ulisses

~~Ulisses cavalgando em primeiro plano, olha para os lados, conferindo a divisão da tropa em colunas, faz um gesto displicente com a mão levantada, de trás para frente, ordenando que a coluna central o siga.~~

ULISSES (Narração OFF) - Mas vi logo, e disse, que aquelas terras maninhas da caatinga não serviam pra um fazendeiro. Muita pedra, só facheiro e cunhã, seca qui nem a goela do diabo. Mas o homem queria porque queria, sempre dizendo: (...)

~~SEQUENCIA~~ (FLASH-BACK)

-Ext. Dia

-Loc:margens do rio São Francisco / plantação de seridó

DG, Ulisses é um cabra armado cavalgando lentamente pelas margens do rio São Francisco. Estão no trecho perto da cachoeira onde o rio cava um profundo canyon, correndo apertado e turbulentos lá no fundo.

~~tem aí pelo menos com a descrição desse lugar~~

ULISSES (Narração OFF) - ... "Coronel Ulisses-ele fala
va assim- quem tem água não morre pagão, quem tem á-
gua tem tudo". E toca a comprar as terras rúim, podia
ser o pior terreno, mas tanto perto do rio ou da ca-
choeira ele comprava. E eu sem entender direito, cá
pensando na minha cabeça : afi tem treita.

DG e Ulisses ~~vão de~~ numa ~~plantação de seridó, algodão florescen-~~
~~do, a plantação~~ coberta de tufo brancos. ~~dois homens~~ Examinam ~~as~~
~~plantas~~, o algodão, deslocam-se devagar, conversando.

ULISSES - Sem querer desfazer de sua vontade, prá mim
é dinheiro jogado fóra. Nessa areia dura não nasce
nem aipim.

DG - E esse seridó? ~~que~~ Não nasce como, coronel? Só foi
puxar o rego lá por cima, abrir os canais, a irriga-
ção fez o resto.

ULISSES - Trabalho muito custoso, gente de fóra prá fazer.
Ninguem tem dinheiro prá fazer isso não, coronel Del-
miro. Só o senhor mesmo. E prá que tanto seridó?

DG - Prá fazer linha de costura. Parece que o senhor
não me compreendeu bem, coronel Ulisses. O qu'eu que-
ro não é só essas terras não, eu quero é a cachoeira
de Paulo Afonso. Com a cachoeira dentro da minha pro-
priedade ela é minha.

~~O dois homens~~ Aproximam-se dos cavalos, que estão sendo vigiados pe-
lo cabra armado. Montam, começam a se deslocar. ~~que é o que~~

ULISSES (Narração OFF) - Verdade é que arranjei mui-

ULISSES-...ta terra barata pra ele, só pra ver até
onde ia esse negócio misterioso, ~~colocar~~ ~~vir~~
~~ta no sertão~~ ^{de} fazer linha estrangeira no ~~sertão~~.
Só doido.

SEQUÊNCIA 25)

(Ext. Dia / Int. Dia)

(Loc: estação de Jatobá / interior do trem ou
pequena cidade / int. cadeia.

Ulisses cavalga à frente de seu exército agora dividido em três colunas, partindo para o ataque.

ULISSES (Narração OFF) - Mas falar o que? O homem movimentava o sertão. Era assim, pau pau, pedra pedra, não tinha meia conversa.

Ulisses levanta a mão, para o cavalo. Seu grupo também para. Todos olham para um ponto.

Ponto de vista de Ulisses - ~~em um vale~~, a pequena estação de Jatobá com o trem parado, cercado de soldados. Pela retaguarda do trem aparece uma das colunas de jagunços. ~~outra~~ A outra coluna se aproxima velozmente pelo flanco contrário.

Ulisses fala para os que estão próximos.

ULISSES - Vamos fazer o combinado. Cerca tudo, não deixa nem um pinguelha pra fuga. Ninguém atira se eu não atirar. Vamos em frente, com a bênção de meu Padim Ciço.

Os cabras se espalham velozes ~~em~~ em direção ao trem. Ulisses e dois cabras investem diretamente sobre o vagão mais guarnecido.

O trem, cercado de soldados. Os soldados ouriçados, engatilhando fuzis, olhando para trás, esperando ordens. O tenente Izidoro aparece, o ~~mal~~ desabotoado, possivelmente acordando naquele momento. Vê o avanço dos jagunços e sua "volante de captura" tem poucas chances contra ~~uma~~ malta veloz e armada até os dentes, gritando desafôros, bermando.

No interior do trem DG também vê a aproximação ruidosa do exército de Ulisses. DG tem três fuzis apontados para sua cabeça. ~~Intelecto, fuma~~ ~~saluamento~~ ~~para~~ suas elegantes cigarrilhas.

Ulisses avança, o tenente grita.

TENENTE - Se derem um tiro, um tiro só, Delmíro Gouvaia morre.

Ulisses não se detém. Garantido pelos cabras que estão cercando o trem, avança até junto do trem, salta a dois metros do tenente, ultrapassa-o e se movimenta em direção à porta do vagão, falando sem se deter.

ULISSES - Vou dizer tiro não, tenente. Pró cés basta o susto.

Entra no trem, com o tenente em seus calcinheiros mostrando um papel que puxa de dentro do ~~dolman~~ aberto.

TENENTE - Já tava tudo resolvido, olha aqui, coronel...

No interior do trem os três soldados que estão apontando as armas para a cabeça de DG são surpreendidos pela entrada de Ulisses e obedecem suas ordens em um ato reflexo, meio bobamente.

ULISSES - Sai pra fóra, macacada. Pra fóra, os três. O senhor tá bem, coronel Delmíro?

DG (rindo) - Agora estou, meu amigo.

O tenente entra no vagão, esbarrando ~~nas~~ de encontro aos três soldados que estão saindo, ~~enquanto~~. Vem mostrando o papel.

TENENTE - O coronel Delmíro já tava em liberdade. Veio esse telegrama do Recife mandando soltar. Olha aqui a ordem.

Ulisses recebe o telegrama, amassa-o sem ler e joga-o no chão.

ULISSES - Abotoa a farda quando falar com homem!

O tenente tenta abotoar o ~~dolman~~, todo atrapalhado, enquanto Ulisses e DG se retiram.

Fóra do trem os jagunços de Ulisses já fecharam o cerco, ~~que~~ imobilizaram os soldados, apontam as armas contra eles. Um ~~de~~ dos soldados, o mesmo que atirou e matou o camponês armado na seq.~~ue~~ 18, se esconde entre os outros soldados. O preto forte e atarracado que estava com o camponês abatido (mesma seq.) se destaca de seu grupo, olha para o coronel Ulisses. Este faz apenas um gesto, um menear de cabeça. O preto se aproxima dos soldados com sua arma engatilhada. Os soldados a-

brem espaço, se afastem, o soldado assassino fica exposto, tremendo, olhando apavorado para o negro. Este levanta sua arma e acerta o soldado na testa, entre os olhos.

■ A cavalgada de volta - a cabrocira rindo e berrando, dando tiros pra cima, a poeira levantando. DG e Ulisses [redacted] à frente da tropa. Aproximação sobre o rosto de Ulisses.

ULISSES (Narração OFF) - Disso Delmíro tava livre. Só não tava dos aborrecimento [redacted] em casa, assunto particular qu'eu não quero, nem de longe, me meter. Só digo que tinha muita desgracira na casa dele, coisa de fazer dô. Mas cada um recebe a medida certa, Deus divide: tem aqui, não tem ali.

SEQUENCIA

26

Ext. Dia / Int. Dia

Loc: em frente à casa de DG/chiqueiro de porcos/varanda casa DG

~~1~~ Bulina enfurecida, ~~grito de ódio~~, a boca tremendo, rangendo os dentes. ~~porta~~ ~~Bulina~~ Rasga seus vestidos de seda e ~~cambraia~~, joga-os na lama ~~varanda do~~ chiqueiro, assustando os porcos. Pisa nos panos, suas botas afundam na lama, ~~engomando os vestidos~~.

DG e Ulisses

~~2~~ Andam pelo terreiro em frente à casa. ~~Ulisses~~. Ao fundo, um pouco distante, vê-se o chiqueiro e Bulina rasgando os vestidos. DG ~~esta~~ olha ~~nessa direção, no inicio da toada~~. Ulisses faz que não vê, que não ouve. ~~ficando-se para ele~~.

DG-Nunca tive sorte com mulher, Coronel.

ULISSES- Não se pode ter sorte com tudo.

~~3~~ ~~vêm~~ Atravessam uma área do terreiro cheia de gente: são os jagunços, ~~do Cel.~~ Ulisses que descansam e comemoram - comem carne de sol, tomam cachaça, riem, conversam. Aparece um sanfoneiro. ~~Tempo inicio~~ a festa da cabroeira.

~~4~~ DG sendo rezado por uma catimbozeira, no meio dos jagunços. A velha rezadeira diz coisas incompreensíveis, fala baixo e rápido, passando ramos de arbustos pelo corpo de DG. Enquanto é rezado, ali parado no meio de um quadrado formado por velas acesas fincadas no chão, DG repara nos homens do Cel. Ulisses.

~~5~~ Ponto de vista de DG: ~~os~~ homens armados, soldados que são de um exército maltrapilho. ~~Este aspecto desaparece para dar lugar a uma visão do homem mesmo~~ Seus grandes pés empoeirados, suas mãos, seus rostos ~~sérios~~ ~~negros~~ curtidos pelo sol. ~~Correção: enquadramento de DG sendo rezado,~~

~~6~~ No chiqueiro de porcos Bulina agora está derramando ~~vidros~~ vidros de perfume, ~~seus shampoos, suas colonias~~. Esvazia os frascos sobre a lama, sobre os porcos, ~~e~~ atira-os de encontro à cerca do chiqueiro. Osvaldo, o sobrinho de DG, aproxima-se, entra no chiqueiro, tenta acalmar Bulina.

Bulina, ~~uma pilha de nervos e de desespero~~, abraça-se a Osvaldo, que tenta puxá-la, com suavidade, para fora da lama. ~~correção de censura~~
Em um dos pontos da varanda que circunda toda a casa a irmã de DG ~~está~~ olhando a cena, o rosto duro, desaprovador. A seu lado, ~~está~~ Iona.

6) ~~A embora~~ acompanha a irmã de DG, que vai ter, no outro lado da casa, com Iona.

IRMÃ DE DG - Ela vai embora hoje mesmo. Delmiro quer que tudo esteja pronto dentro de uma hora.

IONA - As crianças vão com ela?

IRMÃ DE DG - Claro que não. Fico eu a tomar conta delas até Delmiro arranjar outra mulher.

~~chega~~ A festa da cabroeira ~~ao fim~~. A maioria dorme, aproveitando a sombra das árvores, três ou quatro redes foram armadas, ainda se ouve ao longe o som de uma sanfona. DG e Ulisses estão sentados em um carro de bois, perto de couros esticados e de cabras dormindo. DG ~~está~~ com uma lâmpada na mão, girando-a entre os dedos.

DG - Eletricidade, a mola mestra do século ~~vinte~~ XX.

~~passeia a lâmpada a Ulisses~~. Temos de transformar a força da cachoeira em energia elétrica, iluminar isso tudo, irrigar com bombas, trazer máquinas pra cá, montar ~~uma~~ fábrica.

ULISSES (examina a lâmpada) - Não sei como vou ajudar o amigo dessa vez... Não entendo dessas modernidades...

~~DG sorri, bate nas costas de Ulisses.~~

DG - O senhor já me ajudou muito, agora tenho de seguir por mim mesmo. Nem eu nem o senhor podemos fazer sozinhos isso que eu vou fazer. O capital é muito grande...

ULISSES - Então, como?...

DG - Essa parte do dinheiro é com uns amigos meus, estrangeiros. Os americanos.

~~Ulisses, intrigado, examina a lâmpada, cheira-a, discretamente passa a~~

~~ULISSES~~ (Narração OFF) - Era isso. Eletricidade. De-
pois eu soube que os gringos ficaram pasmados.
~~entusiasmado.~~ É como eu digo: é do próprio couro
do boi que se tira a correia. O homem queria mes-
mo mudar o sertão.

3º capítulo

Depoimento de Lionello IONA

1911 a 1916

SEQUENCIA

27

-Int. Dia

-Loc : palácio do Governador General Dantas Barreto, em Recife

Iona e DG, muito bem vestidos, de pé em uma elegante ante-sala do pa-
lácio governamental de Pernambuco. ~~Carregam~~ portando pastas e ~~escrevem~~
~~foram recebidos.~~ ~~alguma coisa~~ ~~zento~~ ~~corrente~~ ~~de aproximação~~ sobre ~~ela~~, que inicia
~~sua narração OFF.~~

IONA (Narração OFF)- Delmiro Gouveia era um grande empresário, com muitas virtudes e grande dose de coragem. Preocupava-me, como sócio que fui dele durante muitos e muitos anos. . .

Um mordomo introduz DG e Iona no gabinete do Governador General. ~~que é aberto~~ ~~pelo mordomo~~ está afixada uma placa: GOVERNADOR DE ~~PERNAMBUCO~~. O governador ~~os~~ espera sorridente, no interior do gabinete, estendendo a mão para DG.

IONA(Narração OFF)-. a sua falta de medidas, esta faceta de seu extraordinário caráter que eu definia, quando estávamos a sós, como "impulsos de irresponsabilidade". Não neste caso. Agora estamos com os pés no chão...

Iona ~~abre~~ sua pasta e mostra ~~os~~ documentos ao Governador. Um mapa é aberto sobre a mesa: o mapa do Brasil, o Nordeste com uma cor específica, bem demarcado, e, nesta ~~a~~ região, a distribuição de ~~áreas~~ ^{a serem} eletrificadas. Os três homens discutem o projeto.

IONA (Narração OFF)-. e podíamos levar avante seu projeto mais ousado: a eletrificação de todo o Nordeste brasileiro. A princípio nosso plano abrangia apenas a área próxima à cachoeira de Paulo Afonso mas nossos financiadores norte-americanos pensavam mais alto.

28

SEQUENCIA (FLASH-BACK)

-Int. Dia

-Loc: escritório de DG, na Pedra

01 Primeiro plano do norte europeu e Moore, que está falando. Enquanto ele fala mostra-se o conjunto de reunião. Fazem presentes Mr. Moore, mais um americano que não fala, apenas anota ou sacode afirmativamente a cabeça, DG e Iona.

Mr. MOORE - A energia a ser produzida aqui não pode restrinquir seu raio de ação ao Estado de Alagoas. Nossa corporação financeira pensa em todo o Nordeste do Brasil. Sua proposta nos interessa na medida em que for ampliada. a este nível, na medida em que o senhor aceite administrar um capital trinta ou cincuenta vezes maior que os cálculos já estabelecidos. *Nessas condições*, estou autorizado a assinar os documentos iniciais.

DG - Entendo. Espero que o senhor tenha consciência da magnitude do projeto. O investimento é muito grande...

Mr. MOORE - Estou seguro disto. Não temos limites.

DG - A resposta é sim, mister Moore. (rindo) Yes!

Mr. Moore - Agora o segundo ponto. Sem a expressa concordância dos governos estaduais de Pernambuco, Bahia e Alagoas e sem a autorização do governo federal o negócio não será iniciado. Sem as autorizações governamentais, nem um dolar.

DG (MILITAR) - Há um ano atrás eu não teria condições de negociar com o governo. Agora, com o marechal Hermes da Fonseca no poder, a coisa mudou. Os velhos canalhas, meus inimigos, foram expulsos e no lugar deles temos hoje homens honestos e progressistas. Teremos as autorizações no prazo de um mês.

SEQUENCIA

29

-Int. Dia.)

-Loc: ~~residencia~~ gabinete do Governador General (a mesma de reg. 24)

~~Este~~ com primeiro plano do Iara (~~intervenção ONU~~) e em seguida compõe a visão em scena o DG de pé. ~~O~~ Governador General, sentado, examinando os projetos. No canto da tela, um letraciro: RECITE, 1944.

TONA (Narração ONU)- A garantia dos capitais norte-americanos, a derrota política de Rosa e Silva, uma série de fatores nos punha à vontade frente ao governador-general. Estábamos oferecendo progresso, não estávamos pedindo favores.

GOVERNADOR GENERAL-Estão previstas cinco grandes barragens e mais duas hidro-elettricas, além da inicial.

DG - Certo. Em troca da concordância de Vossa Excelência e da autorização para ~~que~~ a passagem das linhas condutoras pelo território do Estado, Pernambuco terá energia por preço mínimo. O custo de energia elétrica mais baixo do mundo.

GOVERNADOR GENERAL-O negócio é vantajoso para o Estado.

DG- Sem dúvida.

GOVERNADOR GENERAL-Tão vantajoso que deve esconder alguma velhacaria.

~~Nome do interlocutor~~

DG - Não comprehendo, general...

GOVERNADOR GENERAL-Não é nada pessoal, coronel Delmíro. Certas atividades econômicas devem permanecer forçosamente sob controle do governo e não em mãos da iniciativa privada, principalmente quando esta iniciativa está associada ao capital estrangeiro.

DG - Creio que nós...

GOVERNADOR GERAL - A diretriz de nosso Presidente
Hermes da Fonseca é clara: aventuras deste quila
te só o Estado pode promover... Uma questão de se-
gurança nacional.

A porta do gabinete do Governador pela lado de fora. A imagem permanece
alguns segundos. De repente a porta é aberta de par em par, pelo lado de
dentro, com extrema violencia - DG sai do gabinete furibundo, ~~vermelho e tenso~~, Iona vem atrás, pasta na mão, abatido, ~~vencido~~, vencido. ~~acabou o tempo, sentindo Iona, que avançou, correu em pri-~~
~~meio~~

IONA (Narração OFF) - Delmíro pagava os pecados de
seu passado, estava marcado pelo aventureirismo,
pelos seus rompantes. A desculpa era estas:des -
truição da iniciativa privada e o controle ab-
soluto da economia por parte do governo. Um absur-
do.

~~SEQUÊNCIA~~

~~30~~

~~-Int. Dia / Ext. Dia~~

~~-Loc: int. automóvel, alto sertão/estrada de terra/cachoeira de P. Afonso~~

~~III DG e Iona no interior de um automóvel que avança pelo sertão. DG sério, pensativo, olha para fóra.~~

IONA (Narração OFF)-Em nome desta aberração econômica o projeto foi pulverizado em poucos minutos. Sem as autorizações, nem um dolar. O golpe fôra grande, não havia dúvidas, mas minha tarefa era tirar Delmiro daquele estado de depressão, daquela angústia...

~~IV DG nota algo na estrada, faz um gesto para o motorista.~~

DG - Pára aí.

O automóvel pára. DG salta por um lado, Iona ~~pelo~~ outro.

~~V Exterior: DG e Iona saltam na estrada poeirenta, ao lado de uma pequena construção que está sendo levantada, uma casinha de taipa e sopapo. Trabalham na construção da casinha o peão Zé Pô e sua família (mulher e 3 ou 4 filhos). DG se aproxima.~~

DG - Que é isso?

ZÉ PÔ - U'a casinha pra gente, coronel.

DG - Quem mandou fazer isso? O senhor não sabe que é proibido invadir minhas propriedades? Não quero saber dessa história.

ZÉ PÔ - ~~O senhor não leva a mal... Mas que qu'eu ia fazer? Se fosse ficar esperando u'a licença do senhor pra fazer o rancho... ia deixar a muié e os fio tudo no relento, cum sol e chuva... A muié já tá doente, cum essa tosse...~~

DG - Mas aqui não pode.

~~Subitamente DG se acalma. A partir desse momento DG fica quieto, olha para Zé Pô e sua família, todos trabalhando na construção da casa, todos com uma função. Zé Pô~~

vence o medo e a inibição. termina com sua fuga.

ZÉ PÔ- Num pode? E...Mas, coronel...Mas nós nem precisa de nada, posso fazer com a ajuda de minha família...A gente faz pura gente mesmo, casinha pequena. Depois, se o senhor quiser, derruba. Sem casa é qui nós num pode ficar, o senhor não leve a mal...

Novamente no interior do carro em movimento, DG pensativo, mergulhado em uma concentração densa, profunda. A tomada, longa e penetrante, é montada paralelamente a pequenos FLASHES da cena anterior, pequenos instantes do diálogo que voltam com insistência à mente de DG.

"...se fosse ficar esperando..."

"...a gente faz pura gente mesmo..."

"...Depois, se o senhor quiser, derruba..."

"...CASINHA PEQUENA..."

A montagem paralela termina sobre o rosto de DG. Um tempo.

A cachoeira de Paulo Afonso. A voz de DG surge em off.

DG (off)- De repente ficou tudo muito claro para mim, tão claro como a água da cachoeira. Escuta, Iona, presta atenção. Não temos o apoio do governo, por esta razão não temos o dinheiro dos americanos. Mas existe uma outra força, Iona...uma terceira força. Se a gente reunir aqui, ao lado de Paulo Afonso, mil, duas mil, cinco mil pessoas...

Interior do carro em movimento. DG está falando para Iona, em sincro, continuando a fala off.

DG- ...essas pessoas podem construir uma usina elétrica e fazer funcionar ~~uma~~ fábrica, coisa pequena, nada mais. Esquece Recife, esquece tudo, pensa só no homem.

Pausa. Iona olha para DG, sem compreender bem o que está ouvindo.

DG, sozinho, ante a cachoeira de Paulo Afonso. Está muito próximo da que-

da d'água, vestindo uma capa plástica, todo molhado, a neblina envolvendo-o. O ruído, ensurdecedor, passa a segundo plano, dando lugar à fala em off de DG.

DG (off) - Pensa só na força do ~~meu~~ trabalho, nesse povo miserável qui tá aí sem proveito, ~~capital~~ trabalho. É uma força igual ou maior do que o governador general, do que os dólares de mister Moore.

A cachoeira crescena tela, o ruído enorme, a força ciclopica.

Interior do carro em movimento. DG está calado, olhando para fora. O dia logo anterior é como se não tivesse acontecido, os personagens estão numa atitude neutra. DG tem seus pensamentos interrompidos pela voz de Iona. Iona aponta para a frente.

IONA - Estamos chegando.

DG - Hein?

IONA - Estamos chegando... e de mãos vazias.

DG - A gente faz. Depois quem quiser derruba.

O carro parau.

IONA - Não entendi.

DG - Entendeu muito bem, Iona. A gente faz, depois quem quiser derruba.

IONA - Como, Delmiro? COMO? Deixe-se de sonhos, tudo está perdido.

DG abre a porta do automóvel mas não salta imediatamente. ~~entra~~

~~seca~~ por Iona.

DG - Nada tá perdido. De repente ficou tudo muito claro aqui dentro (aponta a própria cabeça), tão claro como a água da cachoeira. Já que ninguém ajuda vamos fazer por nós mesmos. E o primeiro passo é juntar essa gente que tá espalhada por aí. Junta todo mundo, manda fazer um arraial.

SEQUENCIA

31

-Ext. Dia

-Loc: pátio e m frente à casa de DG

- 1) Plano fixo: todo o campo visual ocupado por camponeses armados, os fuzis aparecendo às costas, pistolas nos cintos, metralhadoras, dois canhões apontando para o alto. Os camponeses estão organizados sobre um estrado, com DG à frente (ternos brancos, braços cruzados), pousando para todos uma foto. A tomada é longa, densa, as pessoas imóveis.
- 2) Grupo de camponeses nordestinos com trouxas, sacos e instrumentos de trabalho -várias famílias- avança em direção à câmera, em plano de conjunto, tomando pouco a pouco todo o campo visual. ~~Diálogo DG e Iona entra em off.~~

~~IONA (off)~~ - Os gestos sociais têm um limite muito claro, vão até um ponto necessário, justo, e é o bastante. O resto é deficit, perda de capital. E nós não estamos em tempo de jogar dinheiro fôra, por Deus, Delmiro.
DG - Sei essa catilinária de cor e salteado.

- 3) 4) 5) 6) Primeiros planos de nordestinos (podem ser do mesmo grupo da tomada anterior) - a Face do nordestino. Diálogo DG-Iona prossegue sem interrupção.

~~DG~~ - Mas a verdade é uma só, Iona, e dela a gente não pode fugir: a gente só pode ter a fábrica se tiver esse povo fixado aqui em Pau lo Afonso, junto das máquinas, vivendo aqui.

- 7) ~~O grupo da tomada nº 1. Seleção e aproximação sobre um camponês, com sua arma. Ele fala diretamente para a câmera.~~

~~CAMONIS 1 - Antes dele isso aqui era um lugar de fome, só comia xique-xique e macambira. Mas o coronel foi tratando logo de prosperidade. Tinha trabalho pra todo mundo.~~

(48)

SEQUENCIA

32

-Ext. Int. Dia

-Loc: ruínas da usina de DG, na cachoeira de Paulo Afonso.

Panoramica sobre ~~xxxx~~ as ruínas da usina encaixada no penhasco em frente à cachoeira. Efeito ~~xxxxxx~~ musical mescla-se com ruidos de máquinas, vozes e ordens de trabalho: como se fosse gerados ali. / Uma usina morta, ~~xxxxxx~~ apenas memória.

SEQUENCIA

33

-Ext. Dia

-Loc: campo aberto (documentário).

Depoimento de velho ex-operário da fábrica de DG.

EX-OPERÁRIO - Ele tinha um imã nos olhos, o Coronel Delmire. Olhava pro povo, olhava pra um assim, e o povo tremia, dava aquela nervosa. As veiz era bruto, fazia questão da coisa. Muita gente ficou com ódio dele. Mas fome nunca teve mais aqui per essas bandas. Antes dele o povo passava fome, o povo tinha tempo que só comia xique-xique e macambira. Mas com o Coronel isso acabou, tinha trabalho e comida pra todo mundo.

SEQUENCIA

34

-Int. Dia

-Loc: escritório de DG na Pedra.

Iona comunica a DG recebimento de telegrama em que os importadores americanos de couro informam queda violenta dos preços no mercado internacional.

DG - Quanto temos em estoque?

Iona - Não temos mais de dois mil couros e peles.

DG - Telegrafe imediatamente informando estoque de vinte mil na casa e de cinco e sete mil sob encomenda a nossos fornecedores, com adiantamento já feito por nós a preços de mercado antes da baixa

IONA - Mas Delmire, Eles não vão aceitar...)

→ O contrato com o Rossbach é explícito.

49

DG - Ou eles absorvem integralmente os prejuízos
ou cortaremos todo o fornecimento. E sem dúvida
o prejuízo deles será maior, bem maior, talvez
a falência. Terão de paralizar suas atividades,
não poderão atender os compromissos já firmados.
Faga isso rapidamente. Pode ficar certo que ele
aceitarão, não têm alternativa. E, claro, apro-
veite a baixa pra comprar tudo que puder.

SEQUENCIA

Ext. Dia

Pátko

Loc: Vém frente à casa de DG

(a mesma de seq. 31)

Primeiro plano de um homem no grupo organizado para a Foto. Abertura até enquadrar todo o grupo : agora não são mais armas e sim instrumentos de trabalho. ~~que~~ A parte final do depoimento é sobre todo o grupo : o corifeu fala por todos.

CAMPONÉS 7 - Dizem que Getúlio Vargas foi bom pro pobre, pro trabalhador. Mas igual a Delmíro Gouveia acho que não foi não. Mai ser difícil nascer outro homem daquele por aqui. Um dia ele me disse assim : essa fábrica é de ôcês, é minha e de ôcês. E intê parecia mesmo. Patrão é patrão, mas aquele foi especial.

36

Sequência ~~36~~ - int./dia - Fábrica da Pedra

- A Fábrica da Pedra funcionando - as máquinas em movimento, dezenas de operários e operárias, todos com roupas de trabalho adequadas. As máquinas de cardar separando os fios do algodão, as enroladeiras girando.

Obs. - em off o discurso do Orador (seq. ~~36~~ 41)

34

Sequência ~~34~~ - ext./dia - cachoeira de Paulo Afonso

- Panoramica : a cachoeira, a usina, a tubulação, as caixas distribuidoras de energia elétrica.

Obs. - em off o discurso do Orador (seq. ~~34~~ 41)

~~Sequência~~ 38 - ext./dia - pátio da Fábrica

- Secção de encaixotamento, em uma área aberta ao lado da fábrica. Várias embalagens com o dístico da Agro Fabril-Fábrica da Pedra sendo fechadas e arrumadas em carroças.
 - O destino da mercadoria escrita a giz nas caixas : São Paulo.
 - Uma placa de titutalagem é colocada sobre uma caixa de madeira. Alguém passa o pincel sobre a placa, deixando a frase desenhada : Made in Brazil-for export.
- Obs.- em off o discurso do Orador (seq. ~~38~~ 41)

~~Sequência~~ 39 - ext./dia - porto

- Uma caixa da Fábrica da Pedra sendo transportada por um guindaste.
 - Um navio cargueiro deixando o porto de Recife, apitando.
- Obs.- em off o discurso do Orador (seq. ~~39~~ 41)

~~Sequência~~ 40 - ext./dia - estação de trens

- Caixas de madeira da Agro Fabril-Fábrica da Pedra sendo embarcadas em um trem.
 - As rodas da locomotiva girando, arrancando faiscas dos trilhos.
- Obs.- em off o discurso do Orador (seq. ~~40~~ 41)

~~Sequência~~ 41 - ext./dia - Vila Operária

- Na Vila da Pedra, já edificada, uma festa cívica em praça pública. No palanque armado em frente às casas dos operários, vendo-se a fábrica a certa distância, estão DG, Iona, Cel. Ulisses, o Orador e um grupo de homens (a diretoria da Fábrica). O palanque enfeitado com bandeiras de alguns países sul-americanos e uma brasileira, grande. Sua base está coberta por uma larga faixa de pano, com frases : "Fábrica da Pedra - Exportação" / "Linhas Estrela-as melhores linhas de coser do mundo". Na praça espalha-se o povo : 2 bandas de música, escola - res em fila com bandeirinhas verde e amarela, grupos com estandartes ("Serviço Médico" / "Clube de Recreação") e centenas de trabalhadores. O Orador fala exaltado, inspirado.
- Obs.- o discurso é audível desde a seq. 40, em off.

- Int. Dia / Ext. Dia

- Loc: sala de jantar casa de DG/escritorio com telefone/Fábrica:interior,
seção de impressão de rótulos,sala de criação e confecção de anun-
cios / quintal da casa de DG

OBS - a sequencia ocorre em dois planos: a) uma reunião na casa de DG,mar-
cada sempre como Jantar; b) cenas citadas por Iona em sua narração
OFF,marcadas como Flash-back.

10 Jantar. ~~Reunião~~ Primeiro plano de Iona, sério, com certo simultâneo do som da
seq. anterior. No corte de seu rosto sorridente da seq. anterior para seu
rosto tenso e pesado, desta cena enfatizar a mudança brusca de uma si-
tução. Sua Narração OFF é retomada aqui, entrando com a imagem. Aberto-
ra-se DG oferece um jantar ao inglês Hallam em sua luxuosa casa da Pe-
dra. Um jantar elegantíssimo, com garçons de librê e criadas fardadas,
baixelas de prata, bronzes e cristais, duas negras espantando moscas com
imensos espanadores de penas. O diálogo DG/Hallam transcorrerá enquanto
o jantar acontece, entre sorrisos e atenções. Hallam é um gentleman ele-
gante e fino, estique de bicho, um inglês das altas rodas. Com ambiente
em segundo plano.

IONA (Narração OFF) - Com o oceano infestado de
navios alemães, os ingleses, tradicionais fabri-
cantes e fornecedores de linhas de costura, vi-
ram-se impedidos de distribuir seus produtos
na América. Essa foi nossa brecha. Mas quando a
esquadra inglesa limpou o Atlântico... af elos
voltaram. A Machine Cottons, triste poderoso, que
ria de volta o que tinhemos tomado dela, ou se-
ja, o mercado latino-americano. Principalmente o
Brasil, que antes lhes dava um lucro fantástico.

11 Flash-back. Milhares de rótulos "Estrella", pequenos e grandes, são empi-
lhados ao sol em um pátio da fábrica da Pedra. Montes e montes de rótulos.
Alguém joga gasolina e põe fogo. Os rótulos ardem ao sol, as pale-
iras "Estrella" se contercedendo entre as chamas.

11 Uma matriz é ajustada em uma impressora, papéis são colocados. Imprime.

TONA (Narração OFF) - Tínhamos de entrar em acordo, é evidente, não podíamos competir com um trustee internacional. Mas Delmíro estava empolgado demais, queria resistir, brigar pelo mercado. Avisei, pendi-rei, mostrei... Nada! Veio o primeiro golpe: a Nachine registrou com antecedência uma marca nossa na Argentina. Tivemos um prejuízo de milhares de contos e ficamos impossibilitados de atender os compromissos assumidos naquele país.

DG e Iona ao lado da impressora, no setor de impressão de rótulos da fábrica. O primeiro rótulo impresso é apanhado por DG, que mostra a Iona.

TONA - Até parece que você não conhece o inimigo...

DG - Conheço muito bem, vivi na barriga dele. Tá aqui. Linhas marca Barrilejo. Essa quero ver me tomarem. Eh, vem cá, meu filho (um tipógrafo o atende). Ponha todas as máquinas pra imprimir isso. Vamos mudar todas os rótulos. Isso é urgente.

~~0 Jantar. Hallan está falando. Sua conversa é clara, educada, respeitosa. Todos que estão à mesa são mostrados: além de DG, Tona e Hallan, estão o advogado Béfiro e Joyc, uma sertaneja morena, magrinha, ao lado de DG e recobrando vez por outra, seus carinhos.~~

~~HALLAN - O importante é vender em todo o Brasil, vender toda produção possível. E este país é muito grande... Podemos, isto sim, evitar o desgaste entre nós, dividir o país por regiões...~~

~~DG (interrompendo) - Concretamente, mister Hallan...?~~

~~HALLAN - Os estados Alagoas, Sergipe e Pernambuco ficam com o senhor. Nos retiramos dessa área...~~

~~DG - E ficam com o resto do país...~~

~~LEDY - Um mercado pequeno sem concorrentes é sempre melhor do que um grande mercado em disputa. De qualquer forma, está prevista uma compensação...~~

~~DG (surpresa) - Desculpe, interveniente, mister Hallan. Mas não nos interessa a resposta é não.~~

~~6) Primeiro plano de Tona olhando para DG, desaprovadora.~~

IONA (Narração OFF) - Usando todos os meios, inclusive sabotando nossas remessas, a Machine conseguiu nos enfraquecer rapidamente no exterior...

Flash-back. DG e Iona em um escritório. DG está falando ao telefone, escuta, fala algum tempo, escuta, põe a mão no fone e fica esperando. Fala para Iona. A princípio a voz OFF de Iona encobre o diálogo, que emerge depois para primeiro plano.

IONA (Narração OFF) - Nossos produtos foram impedidos de entrar em alguns países, onde os produtos ingleses tinham proteção legal. A pressão cresceu e suspendemos as vendas para lá. Minha idéia era negociar imediatamente com os ingleses, agir como um EMPRESÁRIO... e não como um sonhador.

DG - ...isso aqui é a realização de tudo que sonhei, é a concretização do que existe de melhor nesse seu amigo... Não me peça pra recuar.

IONA - Isso é bonito pra se dizer mas prefiro ficar com o aspecto prático da questão...

DG - Aqui no Brasil eu sei brigar...

Faz um gesto com a mão, sua atenção volta-se para o telefone. Aproximação lenta sobre seu rosto até o close. DG acuado, DG em ação.

DG - Alô... Sim, estou escutando, Excelência..... O único caminho é este, aumentar os impostos, levantar alguma barreira alfandegária contra o produto estrangeiro..... Compreendo, Excelência, mas a Lei tem de ser aprovada AGORA, HOJE... Eles estão querendo me devorar, essa é a verdadeira e crua..... Claro, estão baixando os preços até um nível que eu não posso acompanhar.... Não, não, não desisto, não desisto porque conto com a atenção do governo..... Claro, espero. A posição de Vossa Excelência é decisiva. Isso não pode demorar, o senhor sabe muito bem...

Jantar. A camara acompanha uma bainha de prata transportada por um

criado, que leva-a até Hallam.

HALLAM - ...as empresas de pequeno porte desaparecerão, cedendo lugar aos grandes conglomerados, aos grupos multinacionais. Dentro desta perspectiva é que proponho a transformação da fábrica da Pedra em uma sociedade anônima. O capital será multiplicado por dez imediatamente.

DG - Que porcentagem de ações a Machine pensa deter?

HALLAM - Nossa responsabilidade pela ampliação do capital pode chegar a 51 por cento, levando-se em conta ~~isto~~

DG - (rindo) - Não!

Flash-back. Um cartaz das linhas Estrella toma toda a tela. Dois gigantes puxando um fio de linha e um texto : "O público somente acredita nos produtos estrangeiros. Está provado, porém, que a nossa linha ESTRELLA é mais forte, ~~é~~ nacia e melhor confeccionada do que qualquer outra marca".

Outro cartaz. Uma efígie do Padre Cicero encimada pela frase -"Linha nacional marca ESTRELLA-Fábrica da Pedra-Alagoas. MELHOR QUE AS ESTRANGEIRAS. MUITO MELHOR."

DG, que está examinando estes cartazes, deixa-os de lado e examina um outro que está sendo desenhado por uma moça, em uma prancheta. Outros desenhistas trabalham na sala. DG examina o desenho, dá sugestões, toma a caneta e escreve - TENHAM CONFIANÇA NO PRODUTO NACIONAL. ~~Narração OFF~~
~~de TOMA vem continua desde a toma 9.~~

IONA (Narração OFF) - ~~Tive contatos pessoais com o embaixador inglês no Rio, cheguei a discutir fórmulas de composição com o trustee inglês. Delmiro~~ vejava qualquer solução. Então aconteceu o dumping, a manipulação de preços e de concorrências públicas. Não podíamos acompanhar a baixa artificial dos preços. Eu assistia, impotente, impedido de qualquer ação por parte de Delmiro, o lento estrangulamento de nossa empresa. ~~ENCONTRAMOS DIFÍCULDADES~~
~~ATE JUNTO ao~~ governo brasileiro, ~~que se recusava~~ a aprovar leis que nos ~~protogesssem~~.

~~Jantar.~~ As últimas palavras da Narração OFF de Iona são ditas sobre a primeira imagem desta tomada : o próprio Iona sorvendo uma taça de vinho.

HALLAM - Todas as marcas da Machine Cottons desaparecerão do Brasil e as marcas da Pedra se impõem como únicas em todas as praças do país, capitalizadas por nós. A Machine não aparece, o poder administrativo fica com o senhor.

DG - Aqui no Brasil nós temos um nome pra pessoas que aceitam esse tipo de negócio...

HALLAM - Sim?...

DG - Testa de ferro! (ri) Vocês da Machine Cottons, habituaram-se a apontar os canhões e esperar a rendição mesmo antes de abrir fogo. Comigo está sendo mais difícil, é o que me parece...

HALLAM - O senhor tem todo o direito de competir conosco. Este é um mundo livre, senhor Gouveia, as chances são iguais para todos. Afinal, estamos fazendo uma guerra para garantir esta liberdade. Ninguém tem tanto direito de disputar o mercado brasileiro como o senhor...

DG - Obrigado.

HALLAM - Então?

DG - A resposta é não.

~~Flash-back. DG e o advogado Zéfiro (um dos comensais) entre as máquinas da fábrica da Pedra. Zéfiro fala sem parar para um DG risoño e gozador, com um charuto na boca. Operários por perto.~~

IONA (Narração OFF) - Ainda podíamos, enquanto a tempestade não desabasse de vez sobre nossas cabeças, salvar o nosso capital e o nosso esforço. Precisavamos nos associar à Machine, colocar nossa empresa SOB sua proteção e não CONTRA seus interesses.

~~DG interrompe o papo do Advogado (que não ouvimos), tira o charuto da boca, puxa o pelo braço, malicioso.~~

DG - Iá que estamos aqui, sezinhas, só nós brasileiros, é qui é pra esses gringos f...-dura-pata.

DG dá uma banana e ri satisfeito, sem se importar com o desagrado do advogado Zéfiro.

FLASH-PACK.
Iona aparece no quintal de DG, com telegramas na mão. DG está em uma rede sob as árvores, descalço, com Jove em seu colo, cortando as unhas de uma de suas mãos.

DG - Cara de quem comeu e não gostou, Iona. Senta aí.

Prepara um café pra gente, Jove.

A mulher salta do colo de DG, que lhe dá uma palmada nas nádegas, desaparece. Iona segue Jove com os olhos, e fala para DG:

TONI - Essa tá demorando mais do que as outras.

DG - Jove é u...a boa mulher, muito quiete, carinhosa, in... quanto não fizer besteira, fica comigo. Me casei com... de mulher chic, "seu" Iona. Essa me respeita, gos... ta de mim.

Delmiro passa os telegramas para DG, que os examina.

TONA - A luta é desigual, Delmiro.

DG - Recusado, recusado, recusado.... Pedido suspenso.

Vamos contratar mais vendedores, mais caixeiros viajantes, ensinar esse pessoal a vender.

Corregão para o rosto de Iona, balançando negativamente a cabeça.

TONA (Narração OFF) - Delmiro sabia e fingia não saber o que significa enfrentar um gigante desste. Jogo bruto, jogo de arrasar. Perdemos pouco a pouco o mercado, em vez de negociá-lo. Um desastre que poderia ter sido evitado.

Jantar. Os pratos estão sendo retirados, a sobremesa passa a ser servida.

HALLAN - Uma proposta definitiva, senhor Gouveia.

A Machine está disposta a adquirir a fábrica da Pedra por um preço que o senhor mesmo estabelecer, com base no capital imobilizado e nos preços atuais da maquinária. Além disto cobriremos dez anos...dez anos... de lucros previsíveis.

Durante alguns instantes a sala fica em silêncio.

DG - O ponto é este: a Pedra nunca esteve à venda e não está agora.

HALLAM - Esperamos do senhor, pelo menos uma contraproposta.

DG - Pois bem: compro as instalações da Machine no Brasil e pago por cima o mesmo tempo de lucros previstos, os mesmos dez anos que o senhor está me oferecendo.

HALLAM - Não se trata de dinheiro...

ICONA - A proposta é irrecusável, Dolmistro...

DG - E se eu me recusar?

HALLAM - Teremos de enfrentá-lo. A concorrência é livre, como dissemos há pouco. Todo nosso poder será utilizado contra o senhor, é claro... Mas não é este o caso, o senhor não tem meios para bater-se conosco. A Machine Cottons é invencível.

DG - Isto, então, é um ultimato?

HALLAM - É uma palavra forte. Não creio que ela deva ser mencionada em uma reunião tão agradável.

DG se levanta da mesa com um cálice na mão, vai até a janela e fica olhando para fora. Um tempo.

DG - As palavras são doces, mister Hallam, mas a verdade é que elas me apertam contra o muro. Ou dé ou desce.

Sem olhar para seus convidados, deixa o cálice sobre um móvel e sai. ~~direção à frente da casa. Correção: os convidados à mesa, olhando para a direção em que saiu DG.~~

SEQUENCIA

43

Ext. Dia

Loc : Cidade da Pedra, com a Fábrica

OBS - esta sequência prossegue a ação da seq. anterior

DG andando pela Cidade da Pedra, ~~parado~~, olhando em direção aos grupos de operários que saem da fábrica. A tomada, longa, leva DG até o encontro com alguns operários, que o saudam de passagem.

- Boa tarde, coronel.

- Boa tarde, coronel.

O operário para junto a DG.

Zé Pô ~~operário~~ - Queria falar com o senhor...

DG - Então fala.

Zé Pô ~~operário~~ - O senhor podia me mudar de sessão, coronel. Tem muito pó de algodão lá onde tou, fico doente com aquele pó. Se eu pudesse trabalhar nas enroladeira ou nas embalagens.

DG não responde de imediato - fica calado olhando o operário. Este também fica calado, esperando a resposta, sem ter mais o que dizer.

DG - Fala com o gerente. Diz a ele que você teve comigo.

Zé Pô ~~operário~~ - Deus lhe pague, coronel... Deus lhe pague.

DG continua a andar.

Plano geral da praça da cidade, com DG andando. A fábrica é o centro da cidade.

Aspectos da cidade operária, da fábrica, do povo - tudo visto segundo a ótica de DG: o clube, o cinema, os operários.

DG cruza com outros operários. Desta vez é um grupo muito numeroso que se dirige para a fábrica. DG acena para o grupo.

Primeiro plano de DG sempre andando, um ritmo de passeio lento, tranquilo. Encontra-se com Iona, que o espera em algum ponto. Ficam cara a cara.

IONA - E então?

DG - Sabe, Iona? Nunca me senti tão bem em minha vi-

DG...da como agora, passeando aqui na Pedra, no meio dessa gente. Pela primeira vez eu sinto que tenho algo em comum com outras pessoas, tenho coisas, propriedades, que não são só minhas. Não é engraçado isso? Uma sensação de bem estar...

IONA-Mister Hallam está esperando a resposta.

DG - Diz pro mister que a resposta é não!

IONA - Mas...Mas...você tá louco? Sabe o que ~~significa~~ ^{SIGNIFICA...}

DG - Não perca tempo, leva o recado. Não vendo.

~~DG continua a andar, prossegue seu tranquilo passeio. Iona fica em primeiro plano, arrasado. Retoma e encerra sua narração OFF.~~

~~IONA (Narração OFF) - Naquele momento compreendi que nada, absolutamente nada, podia ser feito.~~

→ E quer saber mesmo qual é minha resposta, Iona? Olha aqui pra esses gringos fi-duma-puta.

E dá uma sonora banana. DG continua a andar, prossegue seu tranquilo passeio.

Iona fica em ~~#~~ Primeiro Plano, arrasado. Retoma e encerra sua Narração OFF.

~~Iona (Narração OFF) - Naquele momento compreendi que nada, absolutamente nada, podia ser feito.~~

SEQUENCIA 44

-Ext. Noite

(Loc: varanda do ~~casa~~ de DG

~~CHALE~~

10 ~~Exterior~~ ~~garagem~~ casa de DG à noite, seu interior iluminado. DG sai do interior da casa com um jornal na mão, dirige-se a uma cadeira, acende uma lâmpada. ~~sobre este cadeira~~. A cena dá a entender que a casa e seus movimentos estão sendo observados.

~~in cuius~~

11 ~~luzes próximas~~: DG senta-se na cadeira, sob a lâmpada. Aparece Jove, a mulher, com uma almofada - ela coloca a almofada na cadeira, acomoda DG, que tem um sorriso de agradecimento para ela. Jove sai, DG abre o jornal. Um tiro destrói a lâmpada sobre sua cabeça. Outro tiro atinge DG no peito, um terceiro na garganta. DG cai, ensanguentado.

4º capítulo

Depoimento de Joaquim Alexandre Cordeiro, ZM Pô

1917 a 1930

SEQUÊNCIA

45

- Int. Noite

Loc: interior residencia DG, velório.

A casa está cheia de gente : operários e operárias, um grupo de rezadeiras com panos negros envolvendo a cabeça. Fazem ~~a~~ sentinela a DG, cíjio corpo não aparece. Velas acesas, flores. As rezadeiras entoam ~~uma~~ incelença (que será constante até o fim da sequência). Entre as pessoas está Zé Pô, parado, ~~olhando para a frente~~, o olhar assustado. ~~vozes das rezadeiras, esganiçadas, angustiantes.~~

REZADEIRAS... u'a incelença

prá Virge da Vitória
tá chegando a hora
do Coronel Delmiro
se indo embóra...

Documentação das rezadeiras e operários: a tristeza do povo.

~~aparecimento de Zé Pô~~ Aproximação sobre ~~Zé Pô~~ após um tempo de plano fixo. ~~Zé Pô~~ inicia sua Narracão OFF.

Zé Pô (Narracão OFF) - Depois que o coronel Delmiro morreu a fábrica inda ficou funcionando, a gente tudo trabalhando nela, parecendo, no começo, que nada tinha mudado. Seu Iona ficou inda uns tempos, depois saiu, a fábrica ficou com o filho do coronel Delmiro. Dissero que tinha sido vendida e foi um tal de mudar gerente, mudar diretor, muda isso, muda aquilo. Uns anos depois correu o boato que a fábrica tava sendo vendida de novo, agora pros estrangeiros, pros ingles.

~~Uma vez~~ interrompe a narração OFF de Zé Pô, trazendo novamente a paisagem plana a incelença entre velas e rezadeiras : o canto sombrio. As rezadeiras continuam a cantar.
Uma das mulheres, ~~uma~~ velha beata, fala alto e agudo, entre os versos da cantoria.

BEATA - Quem mandou matá foi os coronéis inimigo dele.

A incelença prossegue. Panorâmica até enquadurar um operário. Ele está

olhando em direção à velha beata que acaba de falar. Desvia o olhar dela, fica pensando durante um instante, balança negativa e tristemente a cabeça, falando baixo.

1º OPERÁRIO-Foram os gringo, todo mundo sabe.

Outro operário, em primeiro plano.

2º OPERÁRIO- Rabo de saia. Tem muié no meio disso.

Um terceiro operário fala alto, ~~respondendo a todos as acusações~~.

3º OPERÁRIO-Prá mim foi "seu" Iona, o sócio. Inveja. Tenta panorâmica a partir do 3º Operário, passando pelas rezadiças ~~e enquadmando Zé Pô, que retorna sua narração OFF.~~

Zé Pô (Narração OFF)- Foi isso, foi aquilo, foi esse, foi aquele. Quem vai saber nunca? E qué qui isso interessa prá gente agora, depois que o coronel Delmíro morreu? ~~de morte natural~~. Agora que a gente não sabe o que vão fazer com a fábrica?

SEQUÊNCIA 46

- Ext. e Int. Noite / Ext. Madrugada

- Loc : exterior e interior Fábrica / estrada / cachoeira de P. Afonso

~~1~~ Fachada da Fábrica da Pedra, à noite. ~~Corrêção e encadramento~~ do Mr. Hallam na porta da fábrica. ~~sobre este imenso~~, ~~tem inicio a voz off~~ que espera o contrato (a voz do próprio Hallam, seu sotaque inglês). ~~Depois conversão para mostrar o grupo~~ ^{de} operários (já apareceu na seq^u anterior) passando por ele e entrando na fábrica ~~com suas~~ marretas. Zé Pô ^{Vem} na frente.

HALLAM (off)- Paisley, Escócia. 2 de novembro de 1929, Dia de Finados. Acordo ~~de contrato~~ que entre si fazem a firma inglesa Machine Cottons e a firma brasileira Agro Fabril Mercantil, proprietária da Fábrica da Pedra.

~~2~~ Os operários ~~destruindo~~ ^{destroem} as máquinas no interior da fábrica, com suas marretas. A destruição é brutal. Zé Pô, antes de quebrar a peça que lhe é destinada, fica um instante olhando para ela, como se lhe fosse difícil executar o serviço. ~~Não, não obedeço~~. Levanta a marreta e faz saltar pedaços de ferro com golpes fortes.

HALLAM (off)- Cláusula Um: Pedra oferece e Machine quer comprar o negócio, a fábrica e as marcas registradas referentes às linhas de costura da Pedra pela importância de 27 mil libras esterlinas. Imediatamente após a confirmação deste acordo Machine depositará a quantia em qualquer banco de Londres...

~~3~~ Uma grande alavanca, manipulada por três operários, desloca parte de uma máquina após muito esforço. Separadas as duas partes, um quarto operário escolhe uma das peças e a destroi com sua marreta.

~~4~~ ~~Máquina~~

~~5~~ Detalhe: as marretas batendo nas máquinas, o metal se rompendo.

HALLAM (off)- para ser levantada quando toda a

HALLAM - ,maquinária e acessórios tiverem sido entregues ou inutilizados e as marcas registradas transferidas.Cláusula Dois, Item A : Toda a maquinária e acessórios úteis exclusivamente para fabricação de linhas terão de ser vendidos por Pedra a Machine.Item D:todos os polidores,meiadeiras, . . .

As máquinas quebradas sendo arrastadas pelo chão da fábrica, puxadas por cordas.Destroços espalhados, pedaços de ferro e linhas de costura espalhados pelo chão.~~Os operários suam e bufam ao deslocar as máquinas.~~
HALLAM (off) - ,enroladores,noveleiras e maquinária para imprimir etiquetas e rótulos, com os seus respetivos acessórios, tem que ser incluídos na venda.

Dois caminhões carregados com os destroços das máquinas destruídas avançando por uma estrada do sertão.Os operários nas carrocerias, junto às máquinas destruídas.À frente dos caminhões,Mr.Hallam em um automóvel.Começa a ser ouvido o ruído da cachoeira.

HALLAM (off)- Item F:Um inspetor da Machine será mandado à Fábrica da Pedra para examinar as máquinas que tem de ser inutilizadas,superintender a esta inutilização, verificar os estoques de fios em todas as fases...

Hallam ~~empinado~~ salta do automóvel ~~no~~ mirante do ~~Impressor~~, a cavaleira da cachoeira.O dia começa a nascer.Hallam faz um gesto ~~para alguém~~,um gesto autoritário.

HALLAM (off)- e verificar que todas as máquinas estão incluídas.Cláusula Quatro; Pedra cessará a fabricação de linhas...

As máquinas sendo tombadas das carrocerias dos caminhões para o solo e, em seguida, sendo arrastadas para a borda da cachoeira.Os operários usam cordas grossas e alavancas.

HALLAM (off)- de costura dentro de 90 dias.Cláusula Seis:~~a companhia~~ Agro ~~Fabril Mercantil~~ se compromete por dez anos e os seus atuais proprietários por

HALLAM - cinco anos a não reentrarem no negócio de linhas de costura, direta ou indiretamente, ou vender fios para fins de fabricação a terceiros.

~~Zé Pô~~, os músculos retesados no esforço de deslocar um grande pedaço de máquina, nota que uma das cordas envolveu o pé do inglês Hallam. Zé Pô fala com Hallam.

ZÉ PÔ - Se afasta um pouco, meu branco. Se u'a corda dessa laçar o pé do senhor, o senhor vai parar lá em baixo.

Correção para mostrar um outro operário afastando Hallam da borda do abismo. Letreiro: Cachoeira de Paulo Afonso, 1930.

~~Zé Pô~~, ainda olhando em direção a Hallam. ~~E leve sem risco,~~
~~Volta~~ ^{se} para a câmera, olhando diretamente para a lente.

ZÉ PÔ (Narração OFF) - Mandam a gente fazer, a gente faz. E não adianta ficar pensando muito, esquentando a cabeça. Quem foi, quem não foi, isso ninguém vai descobrir mesmo. Só sei que atiraram no coronel pra matar a fábrica.

Ato continuo recomeça o trabalho, pressiona a alavanca. O campo visual é aberto para mostrarmos o pedaço da máquina ~~sendo~~ deslocado do solo e tombando no abismo.

~~As máquinas destruídas sendo lançadas na cachoeira pelos operários.~~
A câmera acompanha a queda de uma das máquinas e para: na tela a cachoeira desabando ~~branca~~, espumosa, gigantesca. Último letreiro:
1977 - A Machine Cottons controla, sem concorrentes, o mercado de linhas da América Latina.

F I M

Rio, agosto de 1976